

João Eduardo Lamim

**O EVANGELHO DAS REDES SOCIAIS:
UM ITINERÁRIO DA FÉ PARA O CRISTÃO CONECTADO**

Trabalho de Conclusão de Curso
submetido ao Curso de Teologia da
Faculdade Católica de Santa Catarina
para a obtenção do Grau de Bacharel
em Teologia.

Orientador: Prof. Dr. Domingos
Volney Nandi.

Florianópolis
2019

Ficha de identificação da obra elaborada com o auxílio da
Biblioteca Dom Afonso Nihues da FACASC

LAMIM, João Eduardo

O Evangelho das redes sociais: um itinerário da fé para o
cristão conectado/ João Eduardo Lamim; orientador, Domingos
Volney Nandi – Florianópolis – SC, 2019

109 p.

Trabalho de Conclusão de Curso – Faculdade Católica de
Santa Catarina. Curso Superior de Teologia.

Inclui referência:

1. Modernidade líquida.
2. Pós-verdade.
3. Redes sociais.
4. Cultura do encontro.

João Eduardo Lamim

**O EVANGELHO DAS REDES SOCIAIS:
UM ITINERÁRIO DA FÉ PARA O CRISTÃO CONECTADO**

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção do título de **Bacharel em Teologia** e aprovado em sua forma final pelo Curso de Teologia da FACASC.

Florianópolis, 16 de agosto de 2019.

Prof. Dr. Rafael Aléx Lima da Silva
Coordenador do Curso

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Domingos Volney Nandi
Orientador
Faculdade Católica de Santa Catarina

Prof. Dr. Rénatus Porath
Examinador
Faculdade Católica de Santa Catarina

Prof. Ms. Vilmar Dal Bo Maccari
Examinador
Faculdade Católica de Santa Catarina

RESUMO

A realidade atual é fortemente marcada pela lógica da instantaneidade das coisas e rapidez das relações. Zygmunt Bauman conceitua tais características pela expressão “liquidez”, que denota uma sociedade fugaz e volátil. O jornalista Matthew D’Ancona traz à tona um conceito novo, “pós-verdade”, que manifesta uma construção individual da verdade que, por consequência, legitima uma sociedade fragmentada. As redes sociais são o meio pelos quais tais características se mostram mais fortemente. Antonio Spadaro, com um olhar cristão, reconhece nas redes sociais, apesar das suas limitações, oportunidades para a ação pastoral da Igreja e as conceitua não como simples “meio” de evangelização, mas como “lugar” teológico. A partir da opção pastoral de Francisco a Igreja encontra elementos importantes para a concretização da “cultura do encontro” que, a partir do ambiente digital, constrói “pontes” de comunhão e fraternidade.

Palavras-chave: Modernidade líquida, pós-verdade. redes sociais, cultura do encontro.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Plataforma digital utilizada.....	69
Quadro 2 – Tempo de atuação na Pastoral da Comunicação.....	70
Quadro 3 – Área temática das publicações.....	70
Quadro 4 – Recursos utilizados para publicações.....	71
Quadro 5 – Autoria e compartilhamento das publicações.....	72
Quadro 6 – Fontes das publicações.....	73
Quadro 7 – Alcance das páginas.....	74
Quadro 8 – <i>Feedback</i> das publicações.....	75

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

1Jo – Primeira Epístola de São João
CNBB – Conferência Nacional dos Bispos do Brasil
DAp – Documento de Aparecida
Doc – Documento
ECA – Escola de Comunicações e Artes
EDUFU – Editora da Universidade Federal de Uberlândia
EG – *Evangelii Gaudium*
GS – *Gaudium et Spes*
Jo – Evangelho segundo São João
Lc – Evangelho segundo São Lucas
LG – *Lumen Gentium*
MV – *Misericordiae Vultus*
PASCOM – Pastoral da Comunicação
PUC – Pontifícia Universidade Católica
RSIs – redes sociais
Séc - século
SEER - Sistema Eletrônico de Editoração de Revistas
UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
SNPC – Secretariado Nacional da Pastoral da Cultura
USP – Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
1 MODERNIDADE, LIQUIDEZ E PÓS-VERDADE	17
1.1 MUDANÇAS E IDENTIDADE	17
1.2 A MUDANÇA DE ÉPOCA E SUAS IMPLICAÇÕES	20
1.2.1 A modernidade líquida	20
1.2.1.1 A liquidez das redes e suas relações	23
1.2.1.2 A espiritualidade líquida	25
1.2.2 Pós-verdade	30
1.2.2.1 Filologia	31
1.2.2.2 Pós-verdade: a degeneração da modernidade líquida	32
1.2.2.3 A pós-verdade também “vende”	34
1.2.2.4 Uma verdade midiática	35
1.2.2.5 As pessoas desta era	38
1.2.2.6 Nem tudo são dores	39
1.2.2.7 <i>Fake news</i> : uma parcela da pós-verdade	42
1.3 IMPLICAÇÕES PARA A FÉ	43
2 AS REDES SOCIAIS: O NOVO ROSTO DA INTERNET	47
2.1 DA INFORMAÇÃO PARA A INTERAÇÃO	48
2.2 INTERATIVIDADE E COMUNICAÇÃO DE/PARA TODOS	49
2.3 “LANÇAI VOSSAS REDES”	50
2.3.1 Meios de comunicação e relacionamento	50
2.3.2 Redes sociais e sua função jornalística	52
2.3.3 “[...].e as redes não se romperam”	53
2.4 NA ERA DA PÓS-VERDADE: DAS <i>FAKE NEWS</i> PARA AS <i>TRUE NEWS</i>	54
2.5 REDES E IDENTIDADE	55
2.6 VIDA <i>ON-LINE</i> E <i>OFF-LINE</i>	57
2.7 AS REDES E SEU PAPEL SOCIAL	58
2.8 REDES SOCIAIS E SEUS DESAFIOS	61
2.9 A REDE SOCIAL COMO LOCAL TEOLÓGICO	62
3 UM ITINERÁRIO PARA A FÉ NAS REDES SOCIAIS	67
3.1 O DESEJO REFLEXO NAS REDES	67
3.2 OS AGENTES DE PASTORAL, AS REDES E SEUS RESULTADOS	69
3.3 UM NOVO OLHAR DA IGREJA	76
3.4 A LINGUAGEM DAS REDES	79
3.5 POR UMA TEOLOGIA DO ENCONTRO	80
3.6 O CAMINHO E FRANCISCO	82
3.6.1 “Primeirrear-se”	83

3.6.2 Envolver-se	85
3.6.3 Acompanhar	87
3.6.4 Frutificar.....	88
3.6.5 Festejar.....	89
3.7 REDES QUE CONECTAM VIDAS	90
3.8 AS REDES, O ENTALHADOR E AS PONTES	93
CONCLUSÃO	97
REFERÊNCIAS.....	99
APÊNDICE – Questionário da pesquisa de campo.....	107

INTRODUÇÃO

A realidade que vivemos é fruto de grandes transformações. A modernidade se caracteriza pela mudança radical no modo pelo qual o ser humano entende o mundo e a si mesmo: ele passa a entender seu papel de protagonista na história e compreende o progresso como um meio de construção da sua identidade pessoal, comunitária e cultural. Na base de toda construção histórica está o modo como o ser humano entende sua relação com seus semelhantes, com o mundo e com Deus. Como em todo momento histórico, a Igreja sempre se mostrou atenta e preocupada com o modo de compreensão e relação da comunidade humana e se coloca, também hoje, como um sinal de Deus, tomando participação ativa nas transformações emergentes. A presente pesquisa se coloca na direção desse problema: como entender a atual revolução digital, característica marcante da vida atual? Tem espaço a fé cristã num contexto de transitoriedade? Como viver a fé na mobilidade digital? Que mensagem tem a Igreja para os usuários modernos conectados? Que caminhos o magistério atual abre para os cristãos que se propõem a evangelizar nas redes sociais?

Esta pesquisa pretende apresentar o fenômeno das redes sociais como lugar e oportunidade para a fé cristã alcançar as “periferias existenciais” e os “confins do mundo”. Abordando a realidade atual, pautada em grande parte nos valores de relações transitórias e instáveis, a futura pesquisa visa abordar o ambiente digital como oportunidade para que o Evangelho encontre espaço e relevância.

A pesquisa será elaborada em três capítulos distintos e complementares. O primeiro será destinado à contextualização do fenômeno social atual, por meio do conceito de “modernidade líquida” de Zygmunt Bauman, filósofo polonês que cunhou tal expressão como compreensão característica do tempo atual. Segundo ele, marca predominante desta modernidade é a fluidez e a versatilidade nas relações de negócios, amizades, compromissos e concepções de mundo. Para Bauman, esse fenômeno, que se passa no mundo, é refletido, maximizado e toma força avassaladora nas redes sociais pois, ao mesmo tempo que elas são capazes de conectar pessoas e ideias, possibilitando o compartilhamento de conteúdo instantâneo, caracterizam-se também por relações superficiais e passivas e podem se tornar uma grande armadilha para seus usuários. Ao encontro dessa ideia propõe-se complementar a análise com outro conceito emergente, o da “pós-verdade”, desenvolvido sob a perspectiva do jornalista britânico Matthew D’Ancona, como característica da construção moderna de

mundo e mobilização da opinião pública pautada na emocionalidade e subjetividade, evidenciado no fenômeno das *fake news*, em detrimento dos valores sólidos e dos fatos objetivos.

No segundo capítulo pretende-se abordar o fenômeno das redes sociais à luz da fé cristã, reconhecendo nelas, além de seus limites e riscos, um lugar de interação e construção pessoal e social. Para tal, será utilizado como aporte teórico a abordagem feita por Antonio Spadaro, jesuíta italiano e editor da revista *La Civiltà Cattolica*, que aborda as redes sociais como uma forma de compreender a internet e relacionar-se com o mundo; um lugar interativo capaz de mobilizar e encontrar alternativas para a construção do bem comum.

No terceiro capítulo almeja-se iluminar a análise até então apresentada com um possível itinerário da fé destinados, especialmente, aos agentes pastorais que fazem uso das redes sociais para a obra evangelizadora da Igreja. O modo de compreensão eclesiológico e a prática pastoral de Francisco, partindo especialmente do parágrafo 24 da exortação apostólica *Evangelii Gaudium*, servirá de base para a compreensão do papel da Igreja frente ao mundo digital, particularmente nas redes sociais, como lugar de encontro e experiência de Deus.

Esta pesquisa se constituirá de cunho bibliográfico com pesquisa de campo, a fim de que os conteúdos reunidos e analisados encontrem respaldo na vida da Igreja e na prática pastoral dos agentes em questão. A pesquisa de campo facilitará, particularmente no terceiro capítulo, uma análise reflexiva e crítica sobre o modo de utilização das redes sociais da parte dos que já trabalham pastoralmente nessa área, bem como das fontes utilizadas, motivações, recursos e *feedback* recebido dos usuários. A pesquisa de campo seguirá o modelo de questionário descritivo com objetivo de coletar informações e analisá-las de acordo com a proposta do terceiro capítulo, ao qual estará mais intimamente ligada.

Essa pesquisa bibliográfica terá relevância em três distintas áreas do conhecimento: sociologia, comunicação e mídias digitais e teologia pastoral, ancorando-se respectivamente nos autores Zygmunt Bauman e Matthew D’Ancona, Antonio Spadaro e Francisco. A temática das redes sociais toca um dos variados campos da teologia contextual (a fé aplicada aos contextos específicos da vida concreta); porém tende a ser um campo amplamente rico e promissor na pesquisa teológica e científica, pois tem se tornado, paulatinamente, uma realidade constituinte da vida cotidiana e espiritual. Hoje o ser humano, também na sua dimensão cristã, está conectando-se cada vez mais, fazendo do ambiente digital uma das suas dimensões existenciais mais ativas.

Finalmente, ao realizar essa pesquisa, ambiciona-se chegar ao objetivo de proporcionar pistas de reflexão e oportunidades de aprofundamento futuro nos temas relacionados às redes sociais, especialmente no tocante ao caminho de experiência cristã a partir delas, e no fomento da “cultura do encontro”, em vista da “nova evangelização” nos vários setores do mundo moderno.

1 MODERNIDADE, LIQUIDEZ E PÓS-VERDADE

Ao visitar os livros de história pode-se encontrar os grandes momentos da humanidade descritos de maneira precisa e delongada, com suas conquistas, conflitos e personalidades. E este tempo? Será lembrado por quais características? Que solidez espera-se encontrar em uma análise mais profunda? Neste capítulo, pretende-se caminhar por esta direção, para encontrar elementos plausíveis para realizar uma leitura mais demorada da atualidade.

1.1 MUDANÇAS E IDENTIDADE

O Documento de Aparecida, ao contextualizar a realidade na qual insere-se, apresenta o momento de então como um tempo de “mudança de época”, expresso em seu nível mais profundo pela mudança cultural, ou seja, pela virada no modo de entender o mundo em suas bases epistemológicas.¹ Mais que apresentar apenas fatos novos, a mudança de época atinge os critérios com os quais julga-se a realidade,

fazendo com que não exista tanta clareza do que sejamos, tenhamos, creiamos ou sonhemos. As épocas de mudança atingem o *ver* a realidade. As mudanças de época atingem o *julgar*. Quando apenas o ver é atingido, mais facilmente se chega ao *agir*. Quando, porém, o julgar é afetado mais difícil se torna discernir a ação. É porque estamos numa mudança de época que, em diversas instâncias da vida, inclusive na ação evangelizadora, nos sentimos como que apalpando a realidade para chegar a soluções. [...] Isso acontece porque as mudanças de época nos jogam para fora do navio, colocando-nos em meio a um mar agitado. Nesta hora, cada um busca a sua tábua de salvação e ... salve-se quem puder.²

¹ CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO E DO CARIBE V, 2007, Aparecida. **Documento de Aparecida**: texto conclusivo. 7. ed. Brasília: CNBB, 2008. p. 32. DAp. 44.

² AMADO, Joel Portella. **A Igreja num mundo em mudança**. Goiânia: CNBB, 2011. p. 2-3. Disponível em: <http://cnbbjoomla.sitesparresia.com/wp-content/uploads/sites/85/2011/10/A_Igreja_num_mundo_em_mundana_-_Pe_Joel_Portella.pdf>. Acesso em: 30 set. 2018. grifos do autor.

Tal mudança desdobra-se em muitas dimensões na existência, enquanto modo de pensar e agir, comprometendo a integralidade do ser humano por conta de

[...] uma supervalorização da subjetividade individual. [...] O individualismo enfraquece os vínculos comunitários e propõe uma radical transformação do tempo e do espaço, dando papel primordial à imaginação. Os fenômenos sociais, econômicos e tecnológicos estão na base da profunda vivência do tempo, o qual se concebe fixado no próprio presente, trazendo concepções de inconsistência e instabilidade. Deixa-se de lado a preocupação pelo bem comum para dar lugar à realização imediata dos desejos dos indivíduos.³

Contrário à época de mudanças, em que o que muda são apenas os elementos que podem ser individualizados e não afetam o todo, na mudança de época mudam-se as bases, os fundamentos. O resultado desta virada de paradigmas encontra eco, especialmente, no enfraquecimento dos laços afetivos e concretos do indivíduo com o mundo e com Deus. Assim repensa-se um mundo onde nada mais é estável: nem a sociedade e seus valores, nem a verdade, nem a fé, nem si mesmo.⁴ A mudança é desconcertante e torna-se perversa, pois “consiste na passagem do que podemos chamar de perene ou eterno para o momentâneo ou passageiro. As diversas situações que vivemos tendem a não serem mais vistas como duradouras, eternas.”⁵ A mudança de época tende a trazer

para centro da cena, o individual e o plural, com a possibilidade de inúmeras escolhas, sem necessariamente estarem vinculadas a uma ou outra instituição, sem seguir esta ou aquela tradição. Estamos vivendo um tempo de forte individualização da vida e conseqüentemente das crenças. Existem tantas possibilidades de ser, de

³ CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO E DO CARIBE V, 2007, p. 32-33; DAp. 44.

⁴ AMADO, 2011, p. 3-4.

⁵ AMADO, 2011, p. 3.

existir, que cada indivíduo é chamado a fazer suas escolhas e a compor seu quadro de existência.⁶

Nesta perspectiva, o momento atual não trata de negar as bases até então válidas, especialmente a “mentalidade que valorizava mais o eterno, o imutável, o essencial,”⁷ enquanto valores norteadores da sociedade e cultura, mas trata-se de uma indiferença às coisas eternas.

Este momento de passagem não implica exclusão do extremo oposto, mas *inversão de prioridades* ou *primazia* nos critérios. Perenidade, unidade, institucionalidade são condições humanas do existir e por isso sempre estarão presentes. A diferença é que não estão presentes nos primeiros lugares da lista.⁸

Isso atinge profundamente a maneira da Igreja situar-se e seu lugar de fala ao mundo. Atingindo as bases, a mudança em questão toca nas identidades próprias das pessoas e instituições. Nestes “novos tempos” o que significa, portanto, ser cristão, ser religioso, ser leigo ou ser batizado?⁹

Se, por um lado, não podemos negar o caráter desconcertante destes períodos, pois eles nos tiram o chão da existência, por outro, as mudanças de época são momentos muito propícios para o crescimento pessoal e comunitário. Isto acontece porque, ao retirar o chão das garantias histórico-culturais, as mudanças de época nos empurram para aquilo que é essencial em nossas vidas. Pedem uma revisão em nossa identidade.¹⁰

A mudança de época torna-se um desafio a superar e a integrar. Superar as mudanças que atentam contra os valores do Evangelho e integrar neste processo “o valor fundamental da pessoa, de sua consciência e experiência, a busca do sentido da vida e da

⁶ AMADO, 2011, p. 3-4. (O início da citação parece precisar do substantivo “o” (“para o centro da cena”), porém foi transcrito conforme o original.)

⁷ AMADO, 2011, p. 6.

⁸ AMADO, 2011, p. 4, grifo do autor.

⁹ AMADO, 2011, p. 5.

¹⁰ AMADO, 2011, p. 5.

transcendência.”¹¹ O cristão, ao colocar-se sempre em favor dos valores fundamentais da vida e da pessoa humana, é convidado a confirmar seu testemunho e a voltar-se sempre ao essencial da sua fé e missão.

1.2 A MUDANÇA DE ÉPOCA E SUAS IMPLICAÇÕES

A análise conjuntural da sociedade moderna foi tentativa de vários pensadores, especialmente os ligados às ciências sociais.¹² No senso comum costuma-se dizer: “o mundo mudou muito”; “as coisas estão piores”; “precisa-se encontrar uma mudança urgente”. Das pessoas do campo aos intelectuais mais ilustres, a busca concentra-se em encontrar um momento, algo ou alguém que garanta estabilidade, segurança ou refúgio, seja para compreensão racional ou experiência concreta. Muitos conceitos ajudam a entender a realidade na qual se pisa, por isso, deter-se-á em dois específicos: “liquidez”, que narra uma realidade em que nada mais é sólido e seguro; e “pós-verdade”, em que uma reconstrução da realidade é tentada, porém segundo pressupostos individuais e isolados.

1.2.1 A modernidade líquida

Delimitar os conceitos é importante, já que de sua precisão depende parte da estrutura desta pesquisa, a fim de que alcance o objetivo almejado.

Quanto à denominação do tempo atual, oscila-se entre “modernidade” e “pós-modernidade”. As bibliografias que descrevem os tempos atuais não chegaram a um consenso sobre o uso de ambos os termos. Optar-se-á por aquilo que reflete um dos autores iniciais desta pesquisa, Zygmunt Bauman. Ele utiliza, no início de sua vida intelectual, o termo “pós-modernidade”, que, com o tempo, foi substituído pelo termo “modernidade”, diferenciando seus períodos

¹¹ CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO E DO CARIBE V, 2007, p. 35; DAp. 52.

¹² DIEHL, Fernando. Três teorias sociológicas para a compreensão da discriminação contra minorias sociais na interação cotidiana. **Contraponto: SEER UFRGS**, Porto Alegre, v.1, n.3, out./nov. 2015. p. 124-148. p. cit. 126-127. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/index.php/contraponto/article/download/59939/35485>>. Acesso em: 20 fev. 2019.

específicos por “sólida” e “líquida”, precisamente para “tentar esclarecer uma confusão semântica.”¹³

A modernidade, para Bauman, é o período que vai sendo preenchido com a busca de respostas e sentido à existência humana, começando com a era da industrialização até hoje. O período atual, portanto, ainda encontra-se sob a égide da modernidade. A modernidade “sólida” é caracterizada pelo início do processo de independência do ser humano e o uso criativo de sua razão, pelo progresso mecânico e pela produção em massa, pelo Estado forte e pelas grandes relações econômicas. A modernidade atual, denominada “líquida”, consequência dos progressos da modernidade “sólida”, é marcada fortemente pelo individualismo levado ao extremo, pelo progresso acumulativo e opulente, pela quebra da relação espaço-tempo, advinda dos avanços tecnológicos, especialmente das redes digitais, e toda consequência desse processo.¹⁴ Diz o próprio Bauman:

Tudo está agora sendo permanentemente desmontado mas sem perspectiva de alguma permanência. Tudo é temporário. É por isso que sugeri a metáfora da *liquidez* para caracterizar o estado da sociedade moderna: como os líquidos, ela caracteriza-se pela incapacidade de manter a forma. Nossas instituições, quadros de referência, estilos de vida, crenças e convicções mudam antes que tenham tempo de se solidificar em costumes, hábitos e verdades *auto-evidentes*. Sem dúvida a vida moderna foi desde o início *desenraizadora* [...]. Mas enquanto no passado isso era feito para ser novamente *re-enraizado*, agora todas as coisas — empregos, relacionamentos, *know-hows*¹⁵ etc.

¹³ PALLARES-BURKE, Maria Lúcia Garcia. Entrevista com Zygmunt Bauman. **Revista Tempo Social**: revista de sociologia da USP, São Paulo, v.16, n.1, jun. 2004. não paginado. Disponível em: < http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-20702004000100015&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt > . Acesso em: 27 set. 2018.

¹⁴ PALLARES-BURKE, 2004, não paginado.

¹⁵ “*Know-how* é um termo em inglês que significa literalmente *saber como*. *Know-how* é o conjunto de conhecimentos práticos (fórmulas secretas, informações, tecnologias, técnicas, procedimentos, etc.) adquiridos por uma empresa ou um profissional, que traz para si vantagens competitivas. Possui *know-how* a organização que consegue dominar o mercado por apresentar conhecimento especializado sobre algum produto ou serviço que os

— tendem a permanecer em fluxo, voláteis, desreguladas, flexíveis. A nossa é uma era, portanto, que se caracteriza não tanto por quebrar as rotinas e subverter as tradições, mas por evitar que padrões de conduta se congelem em rotinas e tradições.¹⁶

As características da modernidade em questão estão escancaradas no cotidiano do mundo: correria, insegurança, instabilidade, mudanças repentinas e constantes. Nada mais parece ter estabilidade. Por isso surge a comparação da realidade com o estado líquido das coisas.

Os líquidos se movem facilmente. Eles fluem, escorrem, esvaem-se, respingam, transbordam, vazam, inundam, borrifam, pingam, são filtrados, destilados; diferentemente dos sólidos não são facilmente contidos – contornam outros obstáculos, dissolvem outros e invadem ou inundam seu caminho. Do encontro com os sólidos emergem intactos, enquanto os sólidos que encontraram, se permanecem sólidos, são alterados – ficam molhados ou encharcados. A extraordinária mobilidade dos fluidos é o que os associa à ideia de leveza [...]. Essas são as razões para considerar fluidez ou liquidez como metáforas adequadas quando queremos captar a natureza da presente fase, nova de muitas maneiras, na história da modernidade.¹⁷

Tal característica própria deste tempo, faz a vida moderna moldar-se aos seus rumos, e requer das pessoas a capacidade sempre

concorrentes não possuem. O know-how está diretamente relacionado com inovação, habilidade e eficiência na execução de determinado serviço. É um produto valioso resultante da experiência. [...] O *know-how* [...] apresenta um elemento de segredo, como o provérbio indica *o segredo é a alma do negócio*”. SIGNIFICADO de Know-how. [s.l.], [s.d.]. não paginado. Disponível em: <<https://www.significados.com.br/know-how/>>. grifos do autor. Acesso em: 30 set. 2018.

¹⁶ PALLARES-BURKE, 2004, não paginado, grifos do autor. (As palavras compostas na citação, que são escritas sem hífen, segundo a nova ortografia, serão preservadas do modo como estão, segundo no uso original pelo autor).

¹⁷ BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Trad. Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001. p. 8-9.

desafiante de precisar tratar de todos os assuntos de maneira instantânea e ligeira, mesmo as questões que demandam mais tempo e profundidade. Isto gera uma cisão nas relações e decisões da vida cotidiana, de modo que

oportunidades de alegria e ameaças de novos sofrimentos fluem ou flutuam no ar, vêm, voltam e mudam de lugar; na maioria das vezes, fazem isso com tamanha rapidez e agilidade que não conseguimos tomar uma providência sensata e eficaz para direcioná-las ou redirecioná-las, para conservá-las ou interceptá-las.¹⁸

Tal cisão é expressiva e torna-se nociva porque atinge não só as escolhas e direções a serem tomadas, mas as próprias bases (que até então eram sólidas e seguras) nas quais estruturam-se o modo de compreender o mundo e suas relações, de modo que “o que hoje parece correto e apropriado amanhã pode muito bem tornar-se fútil, fantasioso ou lamentavelmente equivocado.”¹⁹ A liquidez traz consigo insegurança e desesperança.

1.2.1.1 A liquidez das redes e suas relações

Fruto dessa liquidez (talvez o mais instantâneo e doentio) é a instabilidade das relações, as quais moldam a sociedade com elos “frágeis, flexíveis, sem formato, sustentação, concretude. Para Bauman, as relações são formadas como redes, que podem ser tecidas ou desmanchadas facilmente.”²⁰ Exemplo mais evidente, como que um espelho, desta realidade geral é a sua particularidade encontrada nas redes sociais, marcado por “relações virtuais, onde não se mantém nenhuma proximidade ou contato pessoal. Deste modo, novas possibilidades de sociedade constroem-se, marcadas por interações com

¹⁸ BAUMAN, Zygmunt. **44 cartas do mundo líquido moderno**. Trad. Vera Pereira. Rio de Janeiro: Zahar, 2011. p. 6.

¹⁹ BAUMAN, 2011, p. 6.

²⁰ JÚNIOR, Nilson da Silva. Igreja líquida: uma leitura da Igreja moderna através do Neopentecostalismo. **Ciberteologia**: revista de teologia e cultura, São Paulo, ano 7, n. 34, abr./mai./jun. 2011. p. 61-77. p. cit. 62. Disponível em: <<https://pt.scribd.com/document/316457049/Igreja-liquida-uma-leitura-da-Igreja-moderna-atraves-do-Neopentecostalismo>>. Acesso em: 27 set. 2018.

validade prevista, descartando-se as relações de longo prazo.”²¹ Assim, as relações frágeis e supérfluas são evidenciadas no contexto familiar, amoroso, de amizade, religioso, dentre outros.

Deste modo, Bauman enxerga as redes sociais como um fenômeno decorrente e natural do processo da modernidade e como um instrumento frágil e volátil, justamente porque carece de personalidade.²² E o modo de relação estabelecido nesse ambiente digital influencia fundamentalmente “os modos de pensar e de agir, sobre os estilos de vida, sobre a consciência pessoal e comunitária, enfim, sobre a cultura e a própria evangelização.”²³

Porém, na análise do autor, a característica da liquidez não é, em seu todo, negativa. A metáfora também pode indicar situações e instrumentos que propiciam uma relação mais pura, transparente, objetiva, franca e sincera.²⁴ Deste modo, a metáfora da liquidez nos ensina a olhar os dois lados da realidade: o que não se sustenta, já que pauta-se nos valores individuais, competitivos e incertos,²⁵ questionando a efemeridade tentadora das redes sociais que não é capaz de esperar para o resultado de seus esforços;²⁶ e o que espera tempos melhores, marcado “por um reencantamento do mundo, devolvendo dignidade às emoções e legitimidade ao inexplicável.”²⁷ De um modo geral pode-se entender que as redes sociais são realidades muito positivas, com a desvantagem de, por parte de seus usuários, conduzir a possíveis fragilidades em suas conexões.²⁸ As redes e, conseqüentemente, seu uso de maneira benéfica ou maléfica dependem dos usuários que delas fizerem uso. É necessário, no entanto, uma formação autêntica, profunda e madura destes usuários para que as redes se tornem oportunidades de conexão e encontro positivos e integradores.

²¹ JÚNIOR, 2011, não paginado.

²² BAUMAN, Zygmunt; MAURO, Ezio. **Babel**: entre a incerteza e a esperança. Trad. Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Zahar, 2016. p. 85.

²³ CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. **A comunicação na vida e missão da Igreja no Brasil**: estudos da CNBB 101. São Paulo: Paulus, 2011. p. 16; Est. 101,3.

²⁴ JÚNIOR, 2011, não paginado.

²⁵ OLIVEIRA, Dennis de. **Entrevista**: Zygmunt Bauman. [s.l.]. não paginado. Disponível em: <<https://revistacult.uol.com.br/home/entrevis-zygmunt-bauman/>>. Acesso em: 23 nov. 2018.

²⁶ BAUMAN, 2011, p. 21.

²⁷ BAUMAN, 2011, p. 9.

²⁸ BAUMAN, 2011, p. 31.

1.2.1.2 A espiritualidade líquida

Ao falar-se da característica da liquidez no campo da espiritualidade, entra-se na duplicidade de significados já mencionada. Ao passo que pode-se entender a possibilidade de fé limpa, pura, fluída, capaz de enxergar da superfície às dimensões mais profundas, ou, usando a comparação com o termo contábil, representando aquilo que é dado, sem surpresas; também pode “sinalizar uma Igreja sem forma, indefinida, imprecisa, inexplicável no sentido estético, por não estar pronta ou por ainda não ter-se encontrado em sua precisão filosófica, teológica, conceitual.”²⁹ Assim torna-se fácil identificar, em meio a uma sociedade líquida, uma espiritualidade que remeta

ao incerto, inseguro, como a água de um lago, que não sustenta, no sentido físico, um corpo que não seja preparado para, por si mesmo, flutuar sobre ela; um local movediço, incapaz de simbolizar um caminho sólido, que dê certezas e direção a quem dele necessite.³⁰

Nesse sentido, faz-se urgente, na incerteza das relações e da conectividade líquida, buscar uma espiritualidade sólida que sirva também de testemunho aos usuários que por ela navegam. Por isso, diante da frenética rapidez, especialmente das informações geradas nas redes sociais, um valor importante a ser recuperado para a espiritualidade é o silêncio.³¹

No contexto do mundo moderno, especialmente nas relações midiáticas, Bento XVI recorda a importância de equilibrar a participação efetiva na comunicação e o silêncio, falando da “relação entre silêncio e palavra: dois momentos da comunicação que devem-se equilibrar, alternar e integrar entre si para se obter um diálogo autêntico e uma união profunda entre as pessoas.”³² O silêncio, especialmente nos

²⁹ JÚNIOR, 2011, não paginado.

³⁰ JÚNIOR, 2011, não paginado.

³¹ GALVÃO, Francisco. **O cultivo espiritual em tempos de conectividade**. São Paulo: Paulus, 2018. p. 13.

³² BENTO XVI. **Mensagem para o 46º dia mundial das comunicações sociais**. Vaticano, 20 mai. 2012. não paginado. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/messages/communications/documents/hf_ben-xvi_mes_20120124_46th-world-communications-day.html>. Acesso em: 23 jan. 2019.

ambientes digitais, é o fator basilar para que se crie laços permanentes de amizade, comunhão e evangelização. Ele torna-se “parte integrante da comunicação e, sem ele, não há palavras densas de conteúdo.”³³ O silêncio tem a capacidade de fazer com que se volte para o caminho interior e se encontre o discernimento entre o superficial e o essencial, entre a verdade e as fantasias.³⁴ E este é sempre um desafio: “a vida conectada, diariamente, testa a nossa capacidade para o recolhimento.”³⁵ E o que preocupa, no ambiente das redes sociais, também pode se aplicar ao macrocosmo: “uma sociedade feita apenas de barulho, entretenimento e festa, onde não haja espaço para a solidão de seus habitantes, tende ao desespero, pode virar uma espécie de manicômio da estranheza e da indiferença.”³⁶

Bauman defende que a incapacidade de conseguir tempo para si em vista de estar sempre em conexão com alguém ou com algo, gera um atrofiamento da criatividade e do prazer pela vida:

Se você está sempre *conectado*, pode ser que nunca esteja verdadeira e completamente só. Se você nunca está só (...) tem menos chance de ler um livro por prazer, de desenhar um retrato, de contemplar uma paisagem pela janela e imaginar mundos diferentes do seu.³⁷

De maneira semelhante explicita Bento XVI, quando exorta para a necessidade de, no uso das redes sociais, encontrar espaços para o silêncio e a reflexão. Ele afirma que as redes sociais são um espaço onde surgem inúmeros questionamentos e, por consequência, milhares de respostas. O silêncio tem a capacidade, portanto, de “identificar e focalizar as perguntas verdadeiramente importantes,”³⁸ especialmente aquelas relacionadas ao sentido mais profundo da existência humana: “Quem sou eu? Que posso saber? Que devo fazer? Que posso esperar?”³⁹ Mais do que nunca, diante dos grandes desafios da vida moderna que tomam tantos contornos nas redes sociais, cada usuário precisa corresponder ao “convite à reflexão e ao silêncio, que às vezes

³³ BENTO XVI, 2012, não paginado.

³⁴ GALVÃO, 2018, p. 10.

³⁵ GALVÃO, 2018, p. 12.

³⁶ GALVÃO, 2018, p. 12.

³⁷ BAUMAN, 2011, p. 16-17, grifo do autor.

³⁸ BENTO XVI, 2012, não paginado.

³⁹ BENTO XVI, 2012, não paginado.

pode ser mais eloquente do que uma resposta apressada, permitindo a quem se interroga descer até ao mais fundo de si mesmo e abrir-se para aquele caminho de resposta que Deus inscreveu no coração do homem.”⁴⁰

Bauman ainda reflete:

nesse nosso mundo sempre desconhecido, imprevisível, que constantemente nos surpreende, a perspectiva de ficar sozinho pode ser tenebrosa; é possível citar muitas razões para conceber a solidão como uma situação extremamente incômoda, ameaçadora e aterrorizante.⁴¹

Há que se descobrir hoje, portanto, esta *via silentis*. E tal busca deve ser iniciada no caminho para dentro de si.⁴² O responsáveis pela atual situação e sua consequência são as próprias pessoas. Bauman, para isto, argumenta: “os aparelhos eletrônicos respondem a uma necessidade que não criaram; o máximo que fizeram foi torná-la mais aguda e evidente.”⁴³ Deste modo ele alerta que a necessidade de conectar-se a todo tempo ou a dependência contínua de música ou informação evidencia “o vazio deixado pela companhia perdida.”⁴⁴

Assim, outra busca importante para a espiritualidade necessária para este tempo é a proximidade e a presença, a fim de “dar sentido às tecnologias e usá-las adequadamente.”⁴⁵ A presença do Evangelho deve ser efetiva e atuante nos ambientes midiáticos, já que sua mensagem é relevante e tem muito a dizer ao usuário conectado e talvez esta seja uma única oportunidade de alguém ter contato com a experiência cristã.⁴⁶

Bauman discorre sobre a falsa presença projetada pelas redes sociais:

nunca mais precisaremos estar sós. O dia inteiro, sete dias por semana, basta apertar um botão para fazer aparecer uma companhia do meio de uma

⁴⁰ BENTO XVI, 2012, não paginado.

⁴¹ BAUMAN, 2011, p. 9.

⁴² GALVÃO, 2018, p. 58.

⁴³ BAUMAN, 2011, p. 9.

⁴⁴ BAUMAN, 2011, p. 10.

⁴⁵ CNBB, 2011, p. 10; Est. 101.

⁴⁶ CNBB, 2011, p. 106; Est. 101, 161.

colecção de solitários. Nesse mundo on-line, ninguém jamais fica fora ou distante; todos parecem constantemente ao alcance de um chamado.⁴⁷

Além de falsa presença, Bauman fala da carência de profundidade e sentido de permanência, discorrendo sobre o

contato com outras pessoas sem necessariamente iniciar uma conversa perigosa e indesejável. O *contato* pode ser desfeito ao primeiro sinal de que o diálogo se encaminha na direção indesejada: sem riscos, sem necessidade de achar motivos, de pedir desculpas ou mentir; basta um toque leve, quase diáfano, numa tecla, um toque totalmente indolor e livre de riscos.⁴⁸

Ao passo que dá a impressão de descompromisso, a aparente presença pode também criar a sensação de nunca estar só.

Essa certeza tranquilizadora pode ser mantida e usufruída mesmo quando você está sentado numa sala apinhada de gente, nos corredores de um centro comercial lotado, ou passeando na rua, no meio de um grande grupo de amigos ou de transeuntes; você sempre pode *se ausentar espiritualmente e ficar só*, ou pode comunicar aos que o rodeiam que deseja ficar fora de contato.⁴⁹

Bauman explicita, assim, o paradoxo da vida conectada.

Você pode escapar da multidão mantendo os dedos ocupados para digitar uma mensagem a ser enviada a alguém que está fisicamente ausente; por isso, nesse momento, não lhe são feitas exigências, nada lhe ocupa a atenção, a não ser o *contato*, ou passar os olhos numa mensagem que acabaram de lhe enviar.⁵⁰

⁴⁷ BAUMAN, 2011, p. 10.

⁴⁸ BAUMAN, 2011, p. 10, grifos do autor.

⁴⁹ BAUMAN, 2011, p. 10, grifos do autor.

⁵⁰ BAUMAN, 2011, p. 10, grifos do autor.

O agente de pastoral⁵¹ para este tempo deve, portanto, ter uma vocação à sadia solidão. “Em meio a tantas conexões, um dia descobriremos, fatalmente, que sempre estivemos *on-line* para os outros, porém ausentes a nós mesmos.”⁵² A conectividade, enquanto equilíbrio entre silêncio (entendido pela via do recolhimento) e presença, começa dentro de si.

O uso consciente e responsável das redes sociais deve ser reflexo de nosso equilíbrio interior, de nossa conexão primeira com nosso eu mais profundo. Quando se vive uma espiritualidade autêntica, as redes se tornam um espaço fecundo de partilha, hospitalidade e relação. Todavia, se nossa fé não possui raízes sólidas, a vida interior facilmente se dilui na liquidez do ambiente digital.⁵³

De igual modo, Bauman alerta para a necessidade do equilíbrio entre recolhimento e da presença no ambiente digital:

fugindo da solidão, você deixa escapar a chance da solitude: dessa sublime condição na qual a pessoa pode *juntar pensamentos*, ponderar, refletir sobre eles, criar – e, assim, dar sentido e substância à comunicação. Mas quem nunca saboreou o gosto da solitude talvez nunca venha a saber o que deixou escapar, jogou fora e perdeu.⁵⁴

Uma espiritualidade digital é purificada através do equilíbrio entre uso e recolhimento, para livrar o usuário do supérfluo e o curar dos excessos.⁵⁵ Para estes tempos de relações líquidas, se faz necessário uma reeducação das escolhas em vista da verdade da existência.

⁵¹ Durante toda a pesquisa, quando citados os “agentes pastorais”, quer-se dizer das lideranças que ajudam no trabalho da evangelização da Igreja, especialmente no que tange as atividades relacionadas com a Pastoral da Comunicação, principalmente na manutenção, alimentação e suporte das redes sociais.

⁵² GALVÃO, 2018, p. 13, grifo do autor.

⁵³ GALVÃO, 2018, p. 13.

⁵⁴ BAUMAN, 2011, p. 11, grifo do autor.

⁵⁵ GALVÃO, 2018, p. 13.

1.2.2 Pós-verdade

A fragilidade das relações humanas também evidencia-se no campo epistemológico. É muito complexo atualmente defender uma verdade absoluta, teológica ou perene. A opinião individual tende a sobressair-se sobre a verdade objetiva dos fatos, desconstruindo identidades bem delimitadas e criando uma geração de usuários flexíveis.⁵⁶ Parece realizar-se o que afirmava Nietzsche:

contra o positivismo, que atesta ao fenômeno, *só existem fatos*, eu objetaria: não, justamente não há fatos, somente interpretações. Não podemos constatar nenhum *factum em si*: talvez seja um *nonsense* querer este tipo de coisa. Não podem mais haver verdades absolutas, mas apenas interpretações.⁵⁷

Concomitante ao termo “liquidez”, para evidenciar aspectos desta modernidade em mudança, recorre-se nesta pesquisa ao conceito de “pós-verdade”, que em 2016 o *Oxford Dictionaries* escolheu como sua palavra do ano, por esta ter convergido para si grande atenção, refletindo “o *ethos*, o humor ou as preocupações daquele ano em particular e ter potencial duradouro como uma palavra de significado cultural.”⁵⁸ O referido dicionário definiu “pós-verdade” como forma abreviada para “circunstâncias em que os fatos objetivos são menos influentes em formar a opinião pública do que os apelos a emoção e a crença pessoal.”⁵⁹

⁵⁶ DUNKER, Christian. Subjetividade em tempos de pós-verdade. In: DUNKER, Christian. et al. **Ética e pós-verdade**. Porto Alegre: Dublinense, 2017. p. 9-41. p. cit. 12.

⁵⁷ NIETZSCHE, F. W. **Fragmentos Póstumos**: 1885 – 1887. Trad. Marco A. Casanova. 1 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013. v. VI. 7[60]. p. 323. grifos do autor.

⁵⁸ No original: the ethos, mood, or preoccupations of that particular year and to have lasting potential as a word of cultural significance. ENGLISH OXFORD LIVING DICTIONARIESa. **Word of the Year**. [s.l], [s.n.]. não paginado, tradução de Mônica Monawer. Disponível em: <<https://en.oxforddictionaries.com/word-of-the-year>>. Acesso em: 30 set. 2018. grifo nosso.

⁵⁹ No original: circumstances in which objective facts are less influential in shaping public opinion than appeals to emotion and personal belief. ENGLISHb, **Word of the Year 2016 is**. [s.l], [s.n.]. não paginado, tradução de

Seu significado passou, desde quando foi usado pela primeira vez, por uma evolução. Diferentemente de como aborda-se neste pesquisa, que corresponde ao seu uso atual, na primeira metade do século XX o termo designava o período posterior a um acontecimento importante, especialmente no contexto das revoluções daquele período histórico. O conceito foi utilizado pela primeira vez no sentido atual de “pertencer a um tempo em que o conceito especificado tornou-se sem importância ou irrelevante”⁶⁰ em 1992, num artigo na revista *The Nations*,⁶¹ do dramaturgo sérvio-americano Steve Tesich.

1.2.2.1 Filologia

Como fez-se com a análise conceitual da “modernidade líquida”, é importante empregar algumas linhas a fim de explicitar o conceito em questão: “pós-verdade”.

Neste sentido, explicita a autora Marcia Tiburi acerca da época atual, que dentre suas características principais “está a proliferação de fenômenos articulados em torno do prefixo *pós*.”⁶² O prefixo compreende “eventos e situações que sugerem uma ultrapassagem, até mesmo o abandono de um espaço-tempo, com a criação de um outro, de uma nova experiência, que em tudo parece ter desmontado o que nos era dado como conhecido.”⁶³

Já quanto à “verdade”, Tiburi afirma que todos

gostamos de verdades, venham elas das ciências naturais, venham das ciências humanas. Verdades são certezas reconhecíveis, referem-se a algo que podemos reter mesmo sem compreender. Toda verdade sustenta. É como alimento.⁶⁴

Mônica Monawer. Disponível em: <<https://en.oxforddictionaries.com/word-of-the-year/word-of-the-year-2016>>. Acesso em: 30 set. 2018.

⁶⁰ No original: belonging to a time in which the specified concept has become unimportant or irrelevant. ENGLISHb. não paginado, tradução de Mônica Monawer.

⁶¹ ENGLISHb, não paginado. Disponível em: <<https://en.oxforddictionaries.com/word-of-the-year/word-of-the-year-2016>>. Acesso em: 30 set. 2018.

⁶² TIBURI, Marcia. Pós-verdade, pós-ética: uma reflexão sobre delírios, atos digitais e inveja. In: DUNKER, Christian [et all]. **Ética e pós-verdade**. Porto Alegre: Dublinense, 2017. p. 95-123. p. cit. 97. grifo do autor.

⁶³ TIBURI, 2017, p. 97.

⁶⁴ TIBURI, 2017, p. 98.

Christian Dunker retoma as acepções antigas de “verdade” para esclarecer o termo em suas significações atuais.

Para os antigos, a verdade tinha três conotações. Ela era tanto revelação grega (*alethéia*) de uma lembrança esquecida quanto a precisão latina do testemunho (*veritas*) e ainda a confiança judaico-cristã da promessa (*emunah*). Por isso a verdade tem três opostos diferentes: a ilusão, a falsidade e a mentira. A pós-verdade é algo distinto do mero relativismo, e sua dispersão de pontos de vista, todos igualmente válidos, ou do pragmatismo, com sua regra maior de que a eficácia e a eficiência impõem-se às nossas melhores representações do mundo. Ela também não é apenas a consagração do cinismo no poder, com sua moral provisória, capaz de gerenciar o pessimismo, no atacado da tragédia humana, em proveito de vantagens obtidas no varejo narcísico. A pós-verdade depende, mas não se resume a isso, porque ela acrescenta uma ruptura entre os três regimes de verdade e seus contrários.⁶⁵

A pós-verdade, desse modo, não é apenas a inversão das compreensões tradicionais da verdade ou uma nova dimensão desta.⁶⁶ Ela torna-se a corrupção das relações da/com a verdade.

1.2.2.2 Pós-verdade: a degeneração da modernidade líquida

O conceito de “pós-verdade” ajuda a entender o fenômeno cultural atual: tempo de manipulação das informações de modo premeditado, apelativo e distorcido da verdade objetiva para benefício exclusivo ou para causar determinado impacto. O uso original e mais recorrido é quanto à realidade política e econômica, exemplificado na manipulação das informações e opinião nas eleições de Donad Trump e no *Brexit*, a saída do Reino Unido da União Europeia.⁶⁷

⁶⁵ DUNKER, 2017, p. 18-19, grifos nossos.

⁶⁶ DUNKER, 2017, p. 20.

⁶⁷ Cf. CASTRO, Julio C. L. de. **Pós-verdade e o papel do jornalismo: neoliberalismo, Brexit/Trump e redes sociais**. São Paulo: ECA/USP, 2017. não

A análise de Matthew D’Ancona quanto à vitória política de Trump em 2016 concorre na explicitação do conceito de “pós-verdade”. Ele afirma que Trump, para eleger-se presidente, não utiliza da política e de seus argumentos, mas apodera-se do espetáculo e de sensacionalismos. Trump nunca esteve na carreira política; foi apresentador do programa televisivo “O Aprendiz” e fazia participações cômicas e sensacionalistas em lutas livres com transmissão televisiva nacionalmente. Utilizando de seu ‘populismo’, alcançou o cargo que desejava e adotou medidas não muito populares que, durante sua campanha, ou foram manipuladas ou escondidas sob seu sensacionalismo emotivo. “Embora ele continuasse impopular, as medidas que prometeu e adotou obtiveram apoio geral. Algo que nos leva ao próprio cerne do fenômeno da pós-verdade.”⁶⁸

Exemplificando o impacto causado pela pós-verdade nas questões fundamentais do mundo moderno, o autor cita ainda o *Brexit*, movimento em favor da saída do Reino Unido da União Europeia. Os grupos pró permanência bombardeavam o público com estatísticas, as quais tornavam-se afirmações indigeríveis, um pouco desconexas e complexas demais. Já os grupos pró saída entenderam e investiram na

necessidade de simplicidade e ressonância emocional: uma narrativa que dava significado visceral a uma decisão que talvez parecesse técnica e abstrata. Como Dominic CCummings, diretor de campanha do *Vote Leave*, favorável ao *Brexit*, sustentou na época: o argumento a favor da saída tinha de ser claro e se apegar a ressentimentos específicos do público. Uma mensagem baseada nas oportunidades de negócios proporcionadas pelo *Brexit – Go Global* – podia ser intelectualmente defensável, mas não ganharia votos.⁶⁹

Esta é “a política da pós-verdade em seu estado mais puro: o triunfo do visceral sobre o racional, do enganosamente simples sobre o

paginado. Disponível em: <<http://sbpjour.org.br/congresso/index.php/sbpjour/sbpjour/2017/paper/viewFile/687/508>>. Acesso em: 17 out. 2018.

⁶⁸ D’ANCONA, Matthew. **Pós-Verdade**: a nova guerra contra os fatos em tempos de *fake news*. Trad. Carlos Szlak. Barueri: Faro Editorial, 2018. p. 32.

⁶⁹ D’ANCONA, 2018, p. 27, grifos nossos.

honestamente complexo.”⁷⁰ Tal engenhosidade torna-se tão organizada que conta com um aparato em torno a si, inclusive um mercado específico.

1.2.2.3 A pós-verdade também “vende”

A complexidade do sistema engendrado pela pós-verdade é, também, lucrativa.⁷¹ “A indústria multibilionária da desinformação, da propaganda enganosa e da falsa ciência que surgiu nos últimos anos,”⁷² contribuiu para o florescimento da pós-verdade. No ambiente das redes sociais é muito comum “a difusão sistemática de mentiras por organizações de fachada que atuam a favor de grupos de interesse que desejam suprimir a informação precisa e impedir que outros grupos ajam contra eles.”⁷³ D’Ancona afirma, citando o jornalista investigativo Ari Rabin-Havt, que o esquema do mercado organizado em torno deste fenômeno é um verdadeiro “ataque coordenado e estratégico, planejado para esconder a verdade, confundir o público e criar controvérsia onde nenhuma antes existia.”⁷⁴

Neste mesmo rumo, a expansão do mercado da pós-verdade coincidiu com a explosão do ambiente digital, especialmente com as redes sociais, encontrando ali “o meio mais barato e mais rápido de publicação”⁷⁵ e divulgação de seus conteúdos. “A *web* é o vetor definitivo da pós-verdade, exatamente porque é indiferente à mentira, à honestidade e à diferença entre os dois.”⁷⁶ A pós-verdade vai, sorrateiramente, tomando forma e lugar, revelando suas características marcantes. “A questão não é determinar a verdade por meio de um processo de avaliação racional e conclusiva. Você escolhe sua própria realidade, como escolhe-se a comida de um bufê. Também seleciona sua própria mentira, de modo não menos arbitrário.”⁷⁷

No espaço das redes sociais, a pós-verdade se fortalece e ganha seu público-mercado. Falar de pós-verdade

⁷⁰ D’ANCONA, 2018, p. 29.

⁷¹ TIBURI, 2017, p. 107.

⁷² D’ANCONA, 2018, p. 46.

⁷³ D’ANCONA, 2018, p. 46.

⁷⁴ D’ANCONA, 2018, p. 46.

⁷⁵ D’ANCONA, 2018, p. 50.

⁷⁶ D’ANCONA, 2018, p. 55, grifo nosso.

⁷⁷ D’ANCONA, 2018, p. 57.

trata-se de falar de uma verdade útil. Da verdade consumível e consumida. A verdade possível quando a forma mercadoria dita que ela mesma é a verdade. A possibilidade de uma verdade caixa alta, capaz de nos explicar o desconhecido, não vem mais ao caso. Contentamo-nos com pouco. Esse pouco é a pós-verdade. A verdade que podemos aceitar.⁷⁸

Pós-verdade, redes sociais e uma sociedade de consumo desenfreado são, pois, realidades que desafiam os cristãos a repensar o mundo que os cerca e a ser agente da nova evangelização.⁷⁹ Para tal, faz-se urgente a redescoberta da missão do cristão e sua importância nos ambientes digitais.

1.2.2.4 Uma verdade midiática

Visto a acepção do termo no seu ambiente original, pode-se entender que “pós-verdade não é a mesma coisa que mentira. Os políticos, afinal, mentem desde o início dos tempos.”⁸⁰ O que o conceito apresenta como “novidade não é a desonestidade dos políticos, mas a resposta do público a isso. A indignação dá lugar à indiferença e, por fim, à conveniência. A mentira é considerada regra, e não exceção, mesmo em democracias.”⁸¹

Pós-verdade não torna-se a inversão da verdade pela mentira, mas a manipulação de ambas. “Alguns consideram que o discurso da pós-verdade corresponde a uma suspensão completa da referência a fatos e verificações objetivas, substituídas por opiniões tornadas verossímeis apenas à base de repetições, sem confirmação de fontes.”⁸² Mas o fenômeno é mais complexo, envolvendo “uma combinação calculada de observações corretas, interpretações plausíveis e fontes confiáveis em uma mistura que é, no conjunto, absolutamente falsa e interesseira.”⁸³ A pós-verdade é a ideologização nefasta da verdade.

⁷⁸ TIBURI, 2017, p. 107.

⁷⁹ CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO E DO CARIBE V, 2007, p. 35; DAp. 123.

⁸⁰ D’ANCONA, 2018, p. 9.

⁸¹ D’ANCONA, 2018, p. 34.

⁸² DUNKER, 2017, p. 38.

⁸³ DUNKER, 2017, p. 38.

O ambiente digital fortalece a pós-verdade e maximiza suas características, mesmo que sob aparências de bem, onde o que vale é

a verdade que cola, a que vemos circular, a que podemos produzir publicitariamente, a que alimentamos na mídia. A verdade que conseguimos alcançar quando, em um regime antigo, a verdade era aquilo que esperávamos conseguir.⁸⁴

A verdade aqui em questão é provisória, imediata, apressada. Por isso hoje é tão difícil para a Igreja falar da Verdade no mundo atual, marcado por verdades convenientes.

Hoje é difícil desvincular o fenômeno da pós-verdade do fenômeno das redes sociais. Ambos estão intimamente conectados. As redes sociais tornaram-se

o lugar do que podemos chamar de verdade digital. [...] As redes sociais são valorizadas como meios de produção de exposição da verdade, mas essa exposição já é a sua própria produção. Uma nova ontologia, necessariamente, está em jogo.⁸⁵

Bauman já advertia, falando da modernidade líquida e da volatilidade que tinham as informações no ambiente virtual, sobre a enxurrada destas sobre os usuários e sua capacidade de o submergir:

como filtrar as notícias que importam no meio de tanto lixo inútil e irrelevante? Como captar as mensagens significativas entre o alarido sem nexos? Na balbúrdia de opiniões e sugestões contraditórias, parece que nos falta uma máquina de debulhar para separar o joio do trigo na montanha de mentiras, ilusões, refugio e lixo.⁸⁶

Deste modo, a pós-verdade surge como que por consequência necessária da modernidade líquida. “A aliança bífida do pós-modernismo pedia por um substrato moral que pudesse reunir as escolhas políticas e econômicas com os progressos científicos e

⁸⁴ TIBURI, 2017, p. 107.

⁸⁵ TIBURI, 2017, p. 114.

⁸⁶ BAUMAN, 2011, p. 7.

cognitivos.”⁸⁷ A pós-verdade torna-se o instrumento para legitimação das diferenças criadas pela modernidade e suas nuances e desenvolvimentos.

A profissão e o estudo, as formas de amar e desejar, as modalidades de governo e de família, sobretudo, o corpo e a cultura, devem ser pensados como determinados por opções construídas e não naturais. Nelas não há nada de essencial, compulsório ou coercitivo.⁸⁸

Estes aspectos de uma nova era que surge, espelha-se na cotidianidade dos usuários, famílias e relações sociais. É rotineiro presenciar, particularmente no âmbito nacional, instituições e realidades que pareciam seguras e estáveis serem desmanchadas e relativizadas com extrema facilidade. Deste modo, verdades objetivas, até então seguras, são tão bombardeadas com reinterpretações distorcidas e mentiras e que acabam sendo descreditadas e abaladas, justiça tida como perseguição, bandidos passando-se por heróis, escândalos encarados com tanta banalidade que não chocam mais. Percebemos estas nuances no exemplo atual das desordens políticas, que são apenas uma parcela do famoso e antigo velado “jeitinho brasileiro”.⁸⁹ Assim sendo,

[...] massacrado por informações inverossímeis e contraditórias, o cidadão desiste de tentar discernir a agulha da verdade no palheiro da mentira e passa a aceitar, ainda que sem consciência plena disso, que tudo o que resta é escolher, entre as versões e narrativas, aquela que lhe traz segurança emocional. A verdade, assim, perde a primazia epistemológica nas discussões públicas e passa a ser apenas um valor entre outros, relativo e negociável, ao passo que as emoções, por outro lado, assumem renovada importância.⁹⁰

Parece que a guerra que vai travando-se atualmente é da racionalidade. A próxima batalha a enfrentar é a guerra cultural.

⁸⁷ DUNKER, 2017, p. 16.

⁸⁸ DUNKER, 2017, p. 17.

⁸⁹ D’ANCONA, 2018, p. 11.

⁹⁰ D’ANCONA, 2018, p. 10.

Uma nova expressão cognitiva ascende com um novo tipo de irracionalismo que conseguiu recolocar na pauta temas como: o criacionismo contra o darwinismo, a relatividade da *hipótese* do aquecimento global, a suspeita sobre a indução e o autismo por vacinas e tantas outras teorias mais ou menos conspiratórias diluídas por um novo estado da conversa em escala global, facultado de modo inédito pelas redes sociais.⁹¹

A pós-verdade precisa ser encarada como uma nuance do grande fenômeno que é a modernidade atual, líquida, e enfrentada em prol dos que, conscientes de si e de seu insondável mistério, buscam bases sólidas para sua existência.

1.2.2.5 As pessoas desta era

A pós-verdade, enquanto fenômeno que caracteriza especialmente as relações digitais deste tempo, também implica no modo como as pessoas entendem-se parte do mundo. Sem valores gerais, universais e fundamentais, os indivíduos precisam firmar-se de qualquer modo e a qualquer custo; uma concepção de mundo que faz das pessoas cada vez mais personalizadas e, ironicamente, cada vez mais desconectadas.

A principal característica da pós-verdade é que ela requer uma recusa do outro ou ao menos uma cultura da indiferença que, quando se vê ameaçada, reage com ódio ou violência. É cada vez mais difícil escutar o outro, assumir a sua perspectiva, refletir, reposicionar-se e fazer convergir diferenças. Isso se aplica tanto ao espaço público, com suas novas e inesperadas conformações digitais, quanto ao espaço privado das relações amorosas ou amistosas, passando pelas relações laborais e institucionalizadas. Uma descrição resumida dessa situação costuma salientar que nossa vida está cada vez mais *acelerada, icônica e funcionalizada*.⁹²

⁹¹ DUNKER, 2017, p. 18.

⁹² DUNKER, 2017, p. 28, grifos nossos.

A aceleração não permite viver bem cada momento, ser profundo no testemunho; denigre a verdade como presente. É uma vida icônica, remetendo ao ícone, que agrega muito significado em um sinal único; estando acelerado, a reflexão sobre o mundo e a vida torna-se rápida, simplista, vaga, resumindo-se sem memória, inconsistente,⁹³ onde “é preciso rapidamente acolher e descartar,”⁹⁴ denegrindo o passado da verdade como promessa.

Isso gera um estado de falas interrompidas, demandas cruzadas, palavras sem destinatário, entonações indeterminadas. É preciso rapidamente ler a pessoa por seu estilo de aparência, por objetos de afirmação narcísica ou por seus pequenos gestos estilizados que nos oferecem, *de uma vez*, a essência de sua mensagem.⁹⁵

E é funcionalizada,

que se poderia chamar de vida em formato de demanda. Onde há um encontro é preciso decidir rápida e iconicamente o que os envolvidos querem, e a negociação tende a ser curta, porque variáveis de contexto se impõem dramaticamente.⁹⁶

É uma história sem permanência; uma vida protocolarizante, sem espaço para criatividade.⁹⁷ O grito das pessoas sem tempo e vazios pede um ambiente digital místico e edificante.

1.2.2.6 Nem tudo são dores

Também no fenômeno da pós-verdade, sendo processo natural da modernidade e construção da “sociedade do espetáculo”,⁹⁸ há que reconhecer também alguns aspectos positivos desta possível

⁹³ DUNKER, 2017, p. 29.

⁹⁴ DUNKER, 2017, p. 20.

⁹⁵ DUNKER, 2017, p. 30, grifo do autor.

⁹⁶ DUNKER, 2017, p. 30.

⁹⁷ DUNKER, 2017, p. 31.

⁹⁸ BAUMAN, 2016, p. 85.

relativização da hegemonia da Verdade. Este modo de pensar pós-moderno estimulou

a ideia de que uma sociedade cada vez mais pluralista precisaria reconhecer e prestar atenção às múltiplas vozes: as histórias de gênero, minorias étnicas, orientação sexual e tradição cultural. Os pensadores pós-modernos como Richard Ashley, Derrida e Foucault exortaram seus leitores a questionar e desconstruir a linguagem, o idioma visual, as instituições e o saber adquirido, e perguntar como as palavras, as histórias, a arte e a arquitetura podem preservar formas de poder e *hegemonia*, às quais permaneceríamos cegos normalmente.⁹⁹

Ainda que a capacidade de pensar de modo plural e aberto tenha sido uma conquista, não se deve esconder o fato de que tal movimento, como se disse até aqui, desgastou a noção de verdade e desestruturou o pensamento seguro e a realidade objetiva, afirmando que tudo é fruto da construção coletiva.¹⁰⁰ “E se tudo é um *constructo social*, então, quem vai dizer o que é falso? O que impedirá o fornecedor da *notícia falsa* de afirmar ser um obstinado digital combatendo a *hegemonia* perversa da grande mídia?”¹⁰¹

De fato, com a análise em questão não se pode querer, ainda hoje, que tudo seja enquadrado unicamente pela realidade objetiva ou por uma análise anacrônica, mas deve-se propiciar um espaço mais democrático e, oportunamente aberto ao diálogo. Aqui pode-se observar o paradoxo em questão: “a pós-verdade explora uma característica muito curiosa da internet que é sua relativa flutuação de autoridade, o que, considerado por outro ângulo, é um de seus aspectos mais democráticos.”¹⁰² A abertura à construção de um diálogo divide espaço com a volatividade dos seus próprios argumentos.

Em uma sociedade multiétnica e multireligiosa, o objetivo nunca pode ser impor uniformidade absoluta: isso seria indefensável eticamente, assim como terrivelmente enfadonho. O objetivo é

⁹⁹ D’ANCONA, 2018, p. 85, grifo do autor.

¹⁰⁰ D’ANCONA, 2018, p. 85.

¹⁰¹ D’ANCONA, 2018, p. 85, grifo do autor.

¹⁰² DUNKER, 2017, p. 40.

identificar o cerne das normas culturais, dos deveres legais e das responsabilidades sociais ao qual todos os cidadãos devem aderir, independentemente de suas opiniões particulares. A diversidade é, e vai continuar a ser, um dado básico, mesmo com a nova coorte de nativistas afirmando o contrário. O desafio é identificar o denominador comum da troca social, intelectual e prática sobre a qual todos concordam. A pós-verdade alimenta a alienação, o desarranjo e o silêncio entorpecedor. A maior missão cívica que temos pela frente é esvaziar a calha.¹⁰³

Levando em conta os argumentos prós e contras, a atitude cristã pode ser sempre tentada ao passivismo entorpecente. De igual modo não se pode aderir a uma acédia¹⁰⁴ e conformação com as mudanças avassaladoras.

Nossa própria era da pós-verdade é uma amostra do que acontece quando uma sociedade afrouxa em sua defesa dos valores que sustentam sua coesão, ordem e progresso: os valores da verdade, honestidade e responsabilização. Esses valores não são autossustentáveis. Sua manutenção é produto da decisão, ação e colaboração do ser humano.¹⁰⁵

A era da pós-verdade é um desafio e “acima de tudo, um fenômeno emocional. Diz respeito à nossa atitude em relação à verdade, e não à própria verdade.”¹⁰⁶ Por isso deve tocar a todos enquanto usuários digitais e cristãos. “A história da humanidade é a história da batalha entre indiferença e o compromisso, *no interior* das pessoas e também entre elas.”¹⁰⁷ Por isso a batalha a travar-se no mundo atual é cultural e espiritual, de modo que a experiência cristã contribua para a compreensão da vida e da missão dos cristãos de modo integral e

¹⁰³ D’ANCONA, 2018, p. 97-98.

¹⁰⁴ FRANCISCO. **Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium***. São Paulo: Paulinas, 2013. p. 70; EG 82.

¹⁰⁵ D’ANCONA, 2018, p. 100.

¹⁰⁶ D’ANCONA, 2018, p. 110-111.

¹⁰⁷ D’ANCONA, 2018, p. 124-125, grifo do autor.

profundamente conectado em suas mais variadas dimensões e contextos hodiernos.

1.2.2.7 *Fake news*: uma parcela da pós-verdade

Um fenômeno atual que pode ser confundido ou associado à pós-verdade são as *fake news*. De fato, estas parecem ser uma tradução cotidiana e simples daquela. Porém são fenômenos distintos, nuances em diferentes níveis do mesmo problema. Enquanto a pós-verdade consiste num mascaramento da verdade por interesse ou audiência, uma redução manipulada da verdade, as *fake news* são mentiras escalonadas em tamanha perspectiva que passam a ser creditadas e assumidas verdadeiras.¹⁰⁸ Porém não pode-se negar que as *fake news* são consequências do fenômeno moderno caracterizado pela instabilidade, aparência e sensacionalismo midiático.

Novamente, o que está em jogo é a aparência. As *fake news* são “falsas mas verossímeis.”¹⁰⁹ Elas

são capciosas, no sentido que se mostram hábeis a capturar a atenção dos destinatários, apoiando-se sobre estereótipos e preconceitos generalizados no seio dum certo tecido social, explorando emoções imediatas e fáceis de suscitar como a ansiedade, o desprezo, a ira e a frustração.¹¹⁰

Portanto, sejam as verdades parciais ou as mentiras manipuladas, ambas precisam ser combatidas, pois “o drama da desinformação é o descrédito do outro, a sua representação como inimigo, chegando-se a uma demonização que pode fomentar conflitos.”¹¹¹ Se não enfrentadas e discutidas, um colapso mundial poder-se-á formar de modo tão silencioso através da indiferença que, ao se dar conta, as pessoas poderão ser engolidas pelo próprio monstro que criaram. É importante que, especialmente no contexto digital, nunca se deixe de ressaltar a

¹⁰⁸ FRANCISCOa. **Mensagem para o 52º dia mundial das comunicações sociais.** Vaticano, 13 mai. 2018. não paginado. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/messages/communications/document/s/papa-francesco_20180124_messaggio-comunicazioni-sociali.html>. Acesso em: 15 mar. 2019.

¹⁰⁹ FRANCISCOa, 2018, não paginado.

¹¹⁰ FRANCISCOa, 2018, não paginado.

¹¹¹ FRANCISCOa, 2018, não paginado.

importância da verdade e das suas implicações concretas na vida dos usuários e da prática pastoral da Igreja.

1.3 IMPLICAÇÕES PARA A FÉ

Pode-se olhar a partir do prisma apresentado neste capítulo o mundo da fé e perceber que também o âmbito religioso sofre com a influência da “era da aparência”, derivada do pensamento líquido e da pós-verdade. Exemplo disso encontra-se na dimensão bíblico-pastoral. É cada vez mais comum alguns cristãos partirem de exegeses pessoais para posteriormente se buscar amparo bíblico com versículos que justificam suas opiniões, “criando uma versão favorável a si próprio,”¹¹² tornando-se tão dogmatizadas que acabam por fundar novas escolas interpretativas, destruindo a unidade da fé. Na maioria desses casos “trata-se duma falsa narração,”¹¹³ em vista de “procurar os meios para reforçar a sua posição e silenciar as vozes dissonantes. É o grito que nasce de *maquilhar* a realidade, pintando-a de tal maneira que acabe por desfigurar o rosto de Jesus.”¹¹⁴ Geralmente em torno de um exegeta midiático, há seguidores que reproduzem suas elucubrações teológicas, pastorais, subjetivas e até corporais. A primazia é da opinião e não da Palavra; a precedência é da aparência e não da essência.

Outro modo exemplificativo (aqui secular) da precedência da opinião sobre a verdade objetiva é o mecanismo de busca e compartilhamento mais comum nas redes sociais: a *hashtag*.

A mídia social e os mecanismos de busca, com seus algoritmos e *hashtags*, tendem a nos dirigir para o conteúdo de que vamos gostar e para as pessoas que concordam conosco. [...] A consequência é que as opiniões tendem a ser reforçadas, e as mentiras, incontestadas. Definhamos no assim chamado *filtro bolha*. De fato, nunca houve um modo mais rápido e mais

¹¹² FRANCISCOB. **Homilia para a celebração do Domingo de Ramos e da Paixão do Senhor**. Vaticano, 25 mar. 2018. não paginado. Disponível em: <https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2018/documents/papa-francesco_20180325_omelia-palme.html>. Acesso em: 15 mar. 2019.

¹¹³ FRANCISCOB, 2018, não paginado.

¹¹⁴ FRANCISCOB, 2018, não paginado, grifo do autor.

poderoso de espalhar uma mentira do que postá-la on-line.¹¹⁵

De fato, as características apresentadas pelos autores ao longo dessa pesquisa, revelam uma realidade cultural desafiadora. É

uma cultura complexa e paradoxal que, por um lado, exalta o relativismo, flerta com o hedonismo e tangencia o niilismo e, por outro lado, assume posturas fundamentalistas e conservadoras. Uma cultura instável, marcada pela vulnerabilidade da família, pelo enfraquecimento de instituições tradicionais, pela banalização perversa da violência, por relacionamentos afetivos superficiais, desprovidos de envolvimento profundos e compromissados. Uma cultura que pode lançar o humano, o jovem a uma profunda crise de sentido existencial.¹¹⁶

Diante desse conjunto de fatores, mais que necessário se faz uma ação eclesial comprometida com a Verdade do Evangelho, especialmente no contexto das redes sociais, entendidas como uma “nova natureza humana,”¹¹⁷ a “ágora digital.”¹¹⁸ Mais forte que a mentira e a distorção de informações é a Verdade anunciada com clareza, convicção, criatividade e ousadia. Pode-se perguntar: “é possível viver a fé num contexto de mobilidade, de transitoriedade?”¹¹⁹

Neste contexto de mudança de época, marcada pela instantaneidade e rapidez de informação, a internet também é atingida pela transformação frenética do mundo. “A internet está sempre se desenvolvendo cada vez mais resolutamente e se transformando numa rede de *contatos sociais*, uma plataforma relacional.”¹²⁰ Contra o movimento de relativização e esvaziamento da verdade e dos valores

¹¹⁵ D’ANOCONA, 2018, p. 53, grifo do autor.

¹¹⁶ OLIVEIRA, Adelino Francisco de. Juventude e novos contextos culturais. In: PESSINI, Leo; ZACHARIAS, Ronaldo (Org.). **Ética teológica e juvenudes**: interpelações recíprocas. Aparecida: Santuário, 2013. p. 271-290. p. cit. 284-285.

¹¹⁷ TIBURI, 2017, p. 120.

¹¹⁸ TIBURI, 2017, p. 119.

¹¹⁹ AMADO, 2011, p. 6.

¹²⁰ SPADARO, Antonio. **Web 2.0**: redes sociais. São Paulo: Paulinas, 2013. p. 9. grifo do autor.

fundamentais para a fé cristã, se faz urgente retornar “a um estado personalista da verdade, resgatar suas raízes na família, retomando o tempo em que a verdade era definida pela identidade do autor que a enuncia”.¹²¹ Isso torna a ideia de uma verdade credível e profunda na medida em que se torna testemunhal, experiencial.

No segundo momento desta pesquisa quer-se percorrer o caminho da fé na instantaneidade das redes sociais e iluminar o conceito de “redes” com o olhar cristão, bem como seus sujeitos e suas respectivas relações.

¹²¹ DUNKER, 2017, p. 41.

2 AS REDES SOCIAIS: O NOVO ROSTO DA INTERNET

No contexto atual de mudança de época, marcado pela instantaneidade e rapidez da informação, como apresentado no capítulo anterior, a internet¹²² também é atingida pela transformação frenética do mundo. Ela “está sempre se desenvolvendo cada vez mais resolutamente e se transformando numa rede de *contatos sociais*, uma plataforma relacional.”¹²³

Considera-se a primeira geração da Web aquela direcionada à pesquisa estática, com conteúdos fixos, pré-determinados e definidos, resultando informações prontas e apenas assimiláveis por parte dos usuários. Tal prática corresponde historicamente ao uso da internet até o início do século XXI. A companhia de mídia americana *O'Reilly* começou a usar o termo “Web 2.0” a partir de outubro de 2004 para designar a nova prática de uso da internet a partir de então, de viés predominantemente interativo, plural, participativo e democrático.¹²⁴ Hoje, através do fenômeno das redes sociais e outros canais interativos, a internet vive um momento resultante de seu próprio desenvolvimento,¹²⁵ sendo “considerada como um conjunto de capacidades tecnológicas alcançadas pelo homem no âmbito da difusão e do compartilhamento de informação e saber.”¹²⁶

¹²² Alguns termos serão utilizados, especialmente neste capítulo, como sinônimos de “internet” em geral: web, rede, ambiente digital, ciberespaço, espaço virtual, ambiente *online*, mundo cibernético.

¹²³ SPADARO, 2013, p. 9, grifo do autor.

¹²⁴ Para aprofundamento sobre a virada histórica de Web 1.0 para Web 2.0 vale conferir: O'REILLY, Tim. **What Is Web 2.0: Design Patterns and Business Models for the Next Generation of Software**. [s.l.], [s.n.], 2005. Disponível em: < <https://www.oreilly.com/pub/a/web2/archive/what-is-web-20.html>>. Acesso em: 04 out. 2018.

¹²⁵ Mesmo tênue a diferença entre “internet” e “redes sociais”, já que as características destas acabaram por ser assimiladas pela internet enquanto a “grande Rede”, considera-se “redes sociais” os agenciamentos essencialmente interativos, onde cada usuário cria, a seu modo, a configuração que deseja. Exemplos mais comuns disto são: Facebook, Youtube, Whatsapp, Facebook Messenger, Instagram, Twitter, LinkedIn, Skype, Snapchat e Printnerst. (Lista das mais usadas no Brasil. CUSTÓDIO, Mônica. **Conheça as 10 redes sociais mais usadas no Brasil**. [s.l.], [s.n.], [s.d.]. não paginado. Disponível em: <<https://resultadosdigitais.com.br/blog/redes-sociais-mais-usadas-no-brasil/>> Acesso em: 13 mai. 2019).

¹²⁶ SPADARO, 2013, p. 10.

2.1 DA INFORMAÇÃO PARA A INTERAÇÃO

A internet, desenvolvimento de um instrumento de informação, estático, vive hoje o florescimento de seu progresso, como ambiente de participação igualitária de seus usuários. De um objeto inerte, como uma ficha de informação de um produto numa vitrine, a internet, de modo muito específico através do fenômeno das redes sociais, passa por um processo paulatino de democratização, tornando-se um espaço plural, aberto, dinâmico e participativo; sendo um local independente e pretensamente hiperpersonalizado. “A Rede é um ambiente que, não obstante todos os riscos de alienação, permite experimentar novas formas de contato, de relações e de expressão pessoal.”¹²⁷ A característica da interatividade e participação instantânea, democrática e plural se manifesta especificamente nas redes sociais. Estas se tornam, deste modo, o novo rosto da internet.

Redes sociais são “oportunidades de associação social que se expandem graças à internet [...], permitindo a agregação de pessoas ligadas real ou potencialmente por algo específico,”¹²⁸ tendo a “capacidade de conectar as pessoas,”¹²⁹ através da comunicação aberta e direta entre os usuários. Deste modo ela se torna democrática, pois realiza tal interação comunicativa a partir das bases, ou seja, dos próprios usuários,¹³⁰ permitindo o compartilhamento e “conhecimento recíprocos de vida e de relações.”¹³¹ A rede social é “simples, versátil e adaptável às necessidades e usos diversos,”¹³² permitindo “criar, trocar e integrar ideias, notícias e conceitos”¹³³ de modo ágil e amplo. Este entendimento de ‘rede’ deve ser compreendido como uma teia ‘sem fronteiras’, capaz de estender-se de acordo com as relações estabelecidas, “sem bordas nem centros.”¹³⁴

Capaz de agregar tantos indivíduos e conteúdo, o ambiente das redes sociais corre o risco da massificação e da despersonalização, agregando muito sem comunicar nada. Diante da rapidez das relações e fluidez das informações, corre-se a tentação de se dar mais atenção às

¹²⁷ SPADARO, 2013, p. 10.

¹²⁸ SPADARO, 2013, p. 94

¹²⁹ SPADARO, 2013, p. 95.

¹³⁰ SPADARO, 2013, p. 95.

¹³¹ SPADARO, 2013, p. 96.

¹³² SPADARO, 2013, p. 129.

¹³³ SPADARO, 2013, p. 130.

¹³⁴ SANTAELLA, Lucia. **Navegar no ciberespaço: o perfil cognitivo do leitor imersivo.** São Paulo: Paulus, 2004. p. 38.

opiniões e aparências em detrimento do essencial dos conteúdos, que passam despercebidos, facilitando a manipulação, distorção e desagregação destes. Lucia Santaella, citando Manuel Castells, para identificar a influência das redes sociais na formação da sociedade moderna, utiliza o termo “cultura da virtualidade real”, com que

[...] o autor quer dizer a substituição de formações estáveis de lugar, identidade e nação por arquiteturas flexíveis, geografias variáveis e fluxos maleáveis para os quais não existem fronteiras. É uma cultura do efêmero, um *patchwork* de experiências e interesses em vez de uma tabela de direitos e obrigações.¹³⁵

Assim, as redes sociais não só fazem parte desta grande Rede,¹³⁶ mas formam redes, agenciam pessoas e conteúdo em torno de si.¹³⁷ Deste agenciamento e dos mecanismos sucessivos se pode identificar o que o autor já citado por Santaella denomina “cultura digital”, capaz de interligar “consciências, espaços, perguntas, desejos,”¹³⁸ modificando os hábitos e modos de relação,¹³⁹ criando uma comunicação paradoxalmente única, sistêmica e plural.

2.2 INTERATIVIDADE E COMUNICAÇÃO DE/PARA TODOS

Esta nova cultura emergente é potencialmente comunicativa e criativa. A comunicação hoje adquire característica leve, curta e rápida.

O grande desafio nas redes sociais, especialmente para o cristão, é comunicar o que é perene e duradouro, capaz de responder ao sentido primordial da existência. É preciso comunicar a mensagem com conteúdo, de modo justo e integral, fazendo com que seja acessível, justamente por ser limpo e simples. Tais conteúdos, os objetos de publicação, *likes* e compartilhamentos, compreendem palavras, textos, ideias, sons, vídeos, imagens e seus derivados. A comunicação verdadeira deve estar de mãos dadas com a beleza, tomando o devido

¹³⁵ SANTAELLA, Lucia; LEMOS, Renata. **Redes Sociais Digitais**: a cognição conetiva do Twitter. São Paulo: Paulus, 2010. p. 17. grifo do autor.

¹³⁶ Aqui entendida como a internet geral.

¹³⁷ SANTAELLA; LEMOS, 2010, p. 25.

¹³⁸ SANTAELLA; LEMOS, 2010, p. 55.

¹³⁹ PINHEIRO, Felipe. **Ciberteologia**: a comunicação da Igreja no Séc. XXI. Fonte editorial: São Paulo, 2015. p. 15.

cuidado para que os conteúdos sejam atrativos e belos sem deixar de serem verdadeiros e manifestar sua importância e relevância.¹⁴⁰

O grande passo que vem sendo dado a partir das redes sociais é a democratização da informação. “Se, por um lado, os relacionamentos se tornaram mais fluidos e supérfluos, por outro, de certa forma, humanizaram o conceito de autorreferência.”¹⁴¹ A partir da interatividade do ciberespaço outros mundos se abrem e se impõem; o diálogo é inevitável, seja ele positivo ou negativo.

2.3 “LANÇAI VOSSAS REDES”

Mesmo com o perigo da massificação e da aparência sem solidez, “o mundo das comunicações está unificando a humanidade, tornando-a, com efeito, uma aldeia *global*.”¹⁴² A internet é um “novo espaço antropológico com impacto direto e envolvente na vida das pessoas, portadora de ameaças e de potencialidades.”¹⁴³ O instinto de comunidade presente no ser humano o faz agregar-se com seus semelhantes, com outras pessoas e ideias, confrontando posições para conseguir segurança e sobrevivência. Assim sendo, as redes sociais são expressão do desejo mais primitivo do ser humano: a companhia e a convivência. O modo de interação do ciberespaço “reproduz antigas formas de transmissão do saber e da vida civil, exhibe nostalgias, dá forma a antigos desejos”¹⁴⁴ renovando as aspirações humanas.

2.3.1 Meios de comunicação e relacionamento

Deste modo se percebe como as redes sociais inserem-se na vida humana de modo atemporal: elas não se tornam “apenas o presente ou o futuro brilhante e inovador, mas também local e forma do passado, desejo, nostalgia, expressão de valores tão antigos quanto o ser humano.”¹⁴⁵ Mais do que expressão do futuro, a internet, para cumprirem seu papel com solidez, precisa considerar seus fundamentos e objetivos.

¹⁴⁰ SPADARO, 2013, p. 15.

¹⁴¹ PINHEIRO, 2015, p. 11.

¹⁴² SPADARO, 2013, p. 5, grifo do autor.

¹⁴³ RICCIERI, Pina. **Formação ao alcance de um clique**: comunicação digital: desafios e oportunidades. São Paulo: Paulinas, 2012. p. 7-8.

¹⁴⁴ SPADARO, 2013, p. 5.

¹⁴⁵ SPADARO, 2013, p. 6.

A Rede é uma *revolução*, é verdade. Todavia, é uma revolução antiga, com sólidas raízes no passado: reproduz antigas formas de transmissão do saber e da vida civil, exhibe nostalgias, dá forma a antigos desejos. A Rede não é somente o entrelaçamento de ramos, mas também de raízes.¹⁴⁶

Nesta perspectiva, a Web 2.0 torna-se a compreensão da internet como plataforma, vivenciada pela ótica da interação; pois é

[...] a Rede transformada numa *rede de contatos* sociais, local de participação e compartilhamentos. Uma rede liga pessoas comuns dispostas a compartilhar pensamentos, conhecimentos e, também, parcelas de suas vidas. Sua característica é estar aberta a todos tanto no uso quanto na construção.¹⁴⁷

Aberta e democrática, as redes sociais são a expressão mais eloquente dos rumos do mundo atual. É marca das redes sociais ser

[...] plataformas-rebentos da Web 2.0, que inaugurou a era das redes colaborativas, tais como Wikipédia, *blogs*, *podcasts*, o Youtube, Second Life, o uso de *tags* (etiquetas) para compartilhamento e intercâmbio de arquivos como no Del.icio.us e de fotos como no Flickr e as RSIs (redes sociais de internet), entre elas o Orkut, MySpace, Goowy, Hi5, Facebook e Twitter com sua agilidade para *microblogging*.¹⁴⁸

Redes colaborativas e interativas que transformaram a vida humana. “A verdadeira mudança não é em nível de tecnologia, mas de seu uso, de sua interpretação.”¹⁴⁹ Além de desafios, o ambiente virtual, especialmente as redes sociais, se colocam como instrumentos para a fé cristã, lidas na perspectiva de frutos do desenvolvimento da capacidade humana, necessitando ser sempre reinterpretadas como ferramentas para

¹⁴⁶ SPADARO, 2013, p. 26, grifo do autor.

¹⁴⁷ RICCIERI, 2012, p. 7-8, grifo do autor.

¹⁴⁸ SANTAELLA; LEMOS, 2010, p. 7, grifo do autor.

¹⁴⁹ SPADARO, 2013, p. 12.

as pessoas (e nunca contra elas), favorecendo seu crescimento e humanização.

Tais tecnologias devem ser encaradas como fruto da inteligência humana dada por Deus. A internet é um dom.

As tecnologias que fazem a Rede não devem, na verdade, ser consideradas simplesmente *efêmeras*; é preciso recordar que os meios de comunicação não são simplesmente *superados*, mas integrados em nível superior e desenvolvido. E esse é o sentido da evolução na *web*.¹⁵⁰

Deste modo, não deve haver resistência às redes sociais, por exemplo, porque o aparelho televisivo já é suficiente. Ambas são incorporadas no mesmo processo (com a hoje conhecida *Smart TV*) e servem de instrumentos para a evolução tecnológica e, de modo análogo, para a fé cristã.

2.3.2 Redes sociais e sua função jornalística

Hoje as redes sociais assumem a função de “canal alternativo de notícias.”¹⁵¹ Além de fazerem o papel da “contrainformação”,¹⁵² que dá a oportunidade de questionar as tendências da informação, conferir as fontes originais, dando transparência aos fatos, livrando-os de extremismos e tendencialismos, podem conferir mais autenticidade às informações, dando espaço à notícia direta, espontânea e sem as máscaras dos pudores.¹⁵³

Quando se trata de notícias a serem veiculadas no contexto eclesial, no qual propõe análise esta pesquisa, além de ser um dever moral é também um dever cristão colocar-se em atitude de atenção quanto a autenticidade e reta intenção das publicações e veiculações em meios institucionais ou pessoais das informações, fontes e respectivas procedências.

¹⁵⁰ SPADARO, 2013, p. 26, grifo do autor. Quando o autor fala dos “meios de comunicações sociais” e seu posterior desenvolvimento, aqui ele se refere à TV, rádio e similares. As redes sociais já fazem parte de um grupo posterior, não de meios de comunicação (apenas) mas de interação e relacionamento.

¹⁵¹ SPADARO, 2013, p. 31.

¹⁵² SPADARO, 2013, p. 43.

¹⁵³ SPADARO, 2013, p. 36.

2.3.3 “[...]e as redes não se romperam”

Em suma, “a relação com o outro, mesmo que mediada por um instrumento (computador), não perde a sua essência, o seu valor e a sua importância.”¹⁵⁴ Os contatos que podem ser estabelecidos pelas redes sociais são oportunidades de construção de um espaço virtual onde pessoas muito diferentes entre si podem partilhar uma mesma experiência e a partir dessa experiência realizar um “sentir comum”.¹⁵⁵

As redes sociais no contexto atual tomam para si a funcionalidade das ágoras, locais públicos de discussão, cultura, entretenimento e crescimento humano e intelectual da Grécia antiga.¹⁵⁶ A rede social configura

verdadeira praça pública onde todos podem ouvir (ler), falar (escrever) e testemunhar (partilhar) as suas opiniões, dúvidas e experiências. Espaço onde revelam o seu ser e aspirações. Longe de serem frias e distantes, as relações virtuais são verdadeiras, diretas, pois o sujeito aparece despido dos seus medos, dos seus preconceitos, e entra em contato com o mais íntimo do outro, com a sua consciência, os seus pensamentos, a sua diferença, os seus ideais. As comunidades virtuais, com exceções, é claro, são expressões de uma relação intersubjetiva que valoriza a diferença e confirma a identidade do sujeito. Entender a relação interpessoal como o encontro com o outro está em plena sintonia com a nova sociedade.¹⁵⁷

Como as antigas praças gregas eram lugares de encontros de discussão e construção de saberes comuns, também as redes, “modernas ágoras”, para o uso da evangelização, deve conduzir à edificação da fé e à construção de relações cristãs que se destaquem por sua relevância e autenticidade.

¹⁵⁴ ZANON, Darlei. **Igreja e sociedade em rede**: impactos para uma ciberteologia. São Paulo: Paulus, 2018. (Coleção Ciências Sociais). p. 46.

¹⁵⁵ ZANON, 2018, p. 46.

¹⁵⁶ CONCEITO. **Conceito de ágora**. [s.l.], [s.d.]. não paginado. **Disponível em:** <<https://conceito.de/agora>>. Acesso em: 13 mai. 2019.

¹⁵⁷ ZANON, 2018, p. 46-47.

2.4 NA ERA DA PÓS-VERDADE: DAS *FAKE NEWS* PARA AS *TRUE NEWS*

Diante da imensidão de conteúdos e de espaços livres para publicações e críticas, os fatos transparecem em questão de segundos. “Vive-se a realidade da plena transparência. Tudo pode vir a ser descoberto.”¹⁵⁸ O espaço democrático e aberto das redes sociais deve ser encarado como uma oportunidade de anunciar o bem, a justiça e a verdade.

No contexto do mundo grego, [...] a *ágora* era a praça principal, lugar no qual a assembleia de políticos se reunia para debater os temas fundamentais atinentes à organização de toda a coletividade. A questão é saber se a internet, com sua multiplicidade de redes sociais, pode ser compreendida como a nova *ágora*, local privilegiado de debates e encontros, a definirem o novo *locus* cultural.¹⁵⁹

Bento XVI reflete na mesma perspectiva a questão das redes e sua relação com o Bem e a Verdade, ao exortar que

estes espaços, quando bem e equilibradamente valorizados, contribuem para favorecer formas de diálogo e debate que, se realizadas com respeito e cuidado pela privacidade, com responsabilidade e empenho pela verdade, podem reforçar os laços de unidade entre as pessoas e promover eficazmente a harmonia da família humana.¹⁶⁰

Ao tornar seu olhar para os usuários, ele diz:

¹⁵⁸ FAXINA, Elson; GOMES, Pedro Gilberto. **Midiatização**: um novo modo de ser e viver em sociedade. São Paulo: Paulinas, 2016. p. 22.

¹⁵⁹ OLIVEIRA, 2013, p. 279, grifo do autor.

¹⁶⁰ BENTO XVI. **Mensagem para o XLVII Dia Mundial das Comunicações Sociais**. Vaticano, 12 mai. 2013. não paginado. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/messages/communications/documents/hf_ben-xvi_mes_20130124_47th-world-communicationsday.html>. Acesso em: 14 abr. 2019.

se as redes sociais são chamadas a concretizar este grande potencial, as pessoas que nelas participam devem esforçar-se por serem autênticas, porque nestes espaços não se partilham apenas ideias e informações, mas em última instância a pessoa comunica-se a si mesma.¹⁶¹

É, portanto, tarefa da Igreja no trabalho de cada agente de pastoral envolvido na evangelização nas redes sociais, refletir no seu apostolado a Verdade suprema e comunicar, através dos conteúdos e mensagens, a própria pessoa de Jesus, comunicador por excelência e Verdade que conduz à plenitude.

2.5 REDES E IDENTIDADE

O caráter fundamental das redes sociais entre a juventude atual é o da construção da identidade. O ciberespaço é o local onde muitos jovens buscam encontrar “um canal para expressão.”¹⁶² Os jovens parecem “querer indicar um desejo de encontrar quem ouça”¹⁶³ sua voz eloquente e quem os acolha como verdadeira comunidade, mesmo que virtual. O agente de pastoral, que terá de encarar a necessidade e o apelo desses jovens, depara-se com a missão de ser um formador de identidade, garantindo, através da qualidade daquilo que oferece, a comunhão da fé através da interatividade.¹⁶⁴

As redes sociais acabam por ser espaço propício para desabafos, confissões, orientações e exposições, mesmo que potencialmente perigosas e positivas.

Nas redes não se partilham apenas informações e conceitos, de maneira fria e objetiva. Para muito além de tal perspectiva, as pessoas se revelam, comunicam sua própria humanidade, expressam também o que são, seus valores e anseios mais profundos e existenciais.¹⁶⁵

Francisco reitera a necessidade de reencontrar nas conexões da rede a identidade comunitária do mundo e da Igreja. Ele afirma que

¹⁶¹ BENTO XVI, 2013, não paginado.

¹⁶² SPADARO, 2013, p. 36.

¹⁶³ SPADARO, 2013, p. 36.

¹⁶⁴ SPADARO, 2013, p. 47.

¹⁶⁵ OLIVEIRA, 2013, p. 281.

“não basta multiplicar as conexões para ver crescer também a compreensão recíproca,”¹⁶⁶ mas é preciso “reencontrar a verdadeira identidade comunitária na consciência da responsabilidade que temos uns para com os outros.”¹⁶⁷ Reitera ainda que

o uso da *social web* é complementar do encontro em carne e osso, vivido através do corpo, do coração, dos olhos, da contemplação, da respiração do outro. Se a rede for usada como prolongamento ou expectativa de tal encontro, então não se atraiçoa a si mesma e permanece um recurso para a comunhão... abrir o caminho ao diálogo, ao encontro, ao sorriso, ao carinho... Esta é a rede que queremos: uma rede feita, não para capturar, mas para libertar, para preservar uma comunhão de pessoas livres.¹⁶⁸

Deste modo se pode entender que

a rede social é uma criação humana e está num contexto do trabalho criativo a humanizar o ser humano. [...] É preciso propor a elevação da rede à perspectiva da discussão crítica dos temas contundentes e relevantes. [...] Através das redes, o jovem (*e porque não toda comunidade cristã*) deve visualizar o outro, reconhecendo-se, recriando identidades e legitimando a alteridade.¹⁶⁹

As mesmas motivações que conduzem o cristão ao trabalho de evangelização nas redes sociais devem também reconduzir os seus usuários à realidade do encontro face a face e do compromisso pessoal. Ambas as dimensões são importantes e complementares para o êxito eclesial na evangelização interativa: a virtualidade da fé e sua concretização presencial.

¹⁶⁶ FRANCISCO. **Mensagem para o LIII Dia Mundial das Comunicações Sociais.** Vaticano, 2 jun. 2019. não paginado. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/messages/communications/document/s/papa-francesco_20190124_messaggio-comunicazioni-sociali.html>. Acesso em: 23 abr. 2019.

¹⁶⁷ FRANCISCO, 2019, não paginado.

¹⁶⁸ FRANCISCO, 2019, não paginado, grifo do autor.

¹⁶⁹ OLIVEIRA, 2013, p. 286, grifo nosso.

2.6 VIDA *ON-LINE* E *OFF-LINE*

Diante do grande leque de oportunidades que se abre nas redes sociais, é preciso sempre questionar-se sobre os limites desta “terra sem dono”.¹⁷⁰ Que critérios utiliza o cristão para orientar suas relações virtuais? Não são elas reflexos de suas relações reais?

Em relação ao engajamento dos cristãos no ambiente virtual com objetivos de evangelização, são duas as dimensões que precisam ser levadas em conta: a presencial e a virtual.

A fé cristã pode encontrar espaço na mediação destas duas realidades, fazendo com que o virtual seja expressão e instrumento do real, promovendo vida num espaço potencialmente promissor, gerando o senso de responsabilidade e engajamento da fé.¹⁷¹

Deste modo a fé preserva e reforça “os laços fortes existentes a partir da relação física.”¹⁷² E é válido também o contrário, onde as relações presenciais tendem a ser confirmadas e aprofundadas no ambiente virtual.

Dimensões reais presenciais e virtuais se misturam e se complementam nas questões relativas ao ciberespaço. Apesar de todo o esforço que possa ser feito, “a relação mediada pela Rede é sempre necessariamente incompleta, se não possui um gancho na realidade.”¹⁷³ A ideia do espaço virtual é ser sempre relacional.¹⁷⁴ O fim último é sempre a relação entre as pessoas com seu mundo pessoal, entre elas e com Deus, que é relação e se fez pessoa; o uso de imagens, fotos, ícones, vídeos, *gifs* e outros meios deve conduzir sempre para a relação.¹⁷⁵ Podemos assim falar de uma dimensão da Encarnação para a realidade digital: o apostolado no ciberespaço deve concretizar esta verdade de fé nas redes sociais e, assim, levá-la à completude nos encontros e relações na vida presencial.

¹⁷⁰ A expressão quer aludir à consciência de que, no ambiente virtual, há muitas lacunas resultando em crimes como falsificação ideológica, plágios e fraudes.

¹⁷¹ SPADARO, 2013, p. 89.

¹⁷² ZANON, 2018, p. 59.

¹⁷³ SPADARO, 2013, p. 102-103.

¹⁷⁴ SPADARO, 2013, p. 109.

¹⁷⁵ SPADARO, 2013, p. 110.

2.7 AS REDES E SEU PAPEL SOCIAL

Aliado ao progresso e à tecnologia interativa, deve estar a mensagem profética, transformadora e verdadeira do Evangelho, a fim de solidificar os reais valores ali presentes e garantir a dignidade e integralidade humana. Deste modo, é preciso também uma autorreflexão sobre os conceitos de sempre diante da nova realidade: o que significa a relação, a amizade, a pessoa, a intimidade, a privacidade e, cristãmente, o próximo? Torna-se bem atual a indagação do fariseu do Evangelho: “quem é meu próximo?”¹⁷⁶

A rede social assume um papel de tornar próximos aqueles que estão longe ou de aprofundar a relação dos geograficamente perto. Enquanto função social de aproximação, as redes quebram barreiras de paradigmas e modelos fechados.

A cultura de massas tende a dissolver a polaridade entre o popular e o erudito, anulando suas fronteiras. Disso resultam cruzamentos culturais em que o tradicional e o moderno, o artesanal e o industrial mesclam-se em tecidos híbridos e voláteis próprios das culturas urbanas. [...] É a cultura como um todo que a cultura das mídias tende a colocar em movimento, acelerando o tráfego entre suas múltiplas formas, níveis, tempos e espaços.¹⁷⁷

O movimento das redes cria novos modos de socialização e, conseqüentemente, novos movimentos culturais.

A dinâmica da cultura midiática se revela assim como uma dinâmica de aceleração de tráfego, das trocas e das misturas entre as múltiplas formas, estratos, tempos e espaços da cultura. Por isso mesmo, a cultura midiática é muitas vezes tomada como figura exemplar da cultura pós-moderna.¹⁷⁸

¹⁷⁶ BÍBLIA de Jerusalém. 10. ed. São Paulo: Paulus, 2015. Lc. 10,29.

¹⁷⁷ SANTAELLA, Lucia. **Culturas e artes do pós-humano**: da cultura das mídias à cibercultura. São Paulo: Paulus, 2003. p. 52-53.

¹⁷⁸ SANTAELLA, 2003, p. 59.

A revolução provocada pela atual onda tecnológica não diz respeito apenas ao progresso, mas “é significativa para a nova matriz de forças políticas e culturais que ela suporta.”¹⁷⁹

As redes sociais têm a grande potencialidade da agregação de valores e mobilização para um movimento em prol do bem comum. É preciso

reconhecer nesse movimento um cenário social e coletivo novo e interessante capaz de valorizar a cooperação intelectual. Através dos instrumentos da Rede se pode, de fato, desenvolver novas formas de criatividade, antes impensáveis, que são fruto de uma elaboração comunitária real das inteligências conectadas. [...]É preciso buscar uma linguagem significativa para a cultura atual e, através das redes, buscar criar, ou ao menos ensaiar, um senso de comunidade e fé.¹⁸⁰

As agregações e mobilizações atingidas pelo alcance das redes sociais podem ser “capazes de organizar feitos sociais de grandes proporções,”¹⁸¹ como foi o exemplo das mobilizações da Primavera árabe, que se formaram pela *#sidbouzid* e que depôs o governo do ditador Zine El Abidine Bem Ali e o condenou a prisão perpétua pelos seus crimes de ódio e repressão;¹⁸² da “revolução das panelas” que, viralizando um vídeo de Hordur Torfason em frente ao parlamento da Islândia, motivou protestos de milhares de pessoas com panelas devido à crise financeira e forçou a realização de novas eleições;¹⁸³ da organização de milhares de pessoas em mais 140 grupos na *#occupywallstreet*, devido à bolha imobiliária que deixou centenas de famílias sem seus imóveis, endividadas e sem salários;¹⁸⁴ da mobilização brasileira de 2013, organizada pela *#vempruarua*, exigindo embrionariamente a reforma tributária para o país e causando uma revolução político-econômica;¹⁸⁵ entre tantas outras.

¹⁷⁹ SANTAELLA, 2003, p. 73.

¹⁸⁰ SPADARO, 2013, p. 72.

¹⁸¹ PINHEIRO, 2015, p. 16.

¹⁸² CASTELS, Manuel. **Redes de indignação e esperança**: movimentos sociais na era da internet. Rio de Janeiro: Zahar, 2013. p. 8.

¹⁸³ CASTELS, 2013, p. 35.

¹⁸⁴ CASTELS, 2013, p. 117.

¹⁸⁵ PINHEIRO, 2015, p. 16.

Como enxergar as redes sociais nesse viés potencialmente revolucionário? Primeiramente percebendo que

a internet não pode mais ser considerada como um simples instrumento de acesso apenas às informações, ela também é poderosa o bastante para a captação de recursos humanos e para a constituição de diversos movimentos sociais.¹⁸⁶

Em seguida é preciso perceber que a grande mobilização é feita pela relação em sua integralidade. Redes conectam e colocam em choque as realidades por vezes contraditórias. A mobilização virtual é feita por pessoas, em vista da presencialidade. Redes sociais são redes de pessoas e das relações que elas decidem estabelecer, que “abandonaram a sua inércia e resolveram escrever uma nova história de esperança para as gerações futuras.”¹⁸⁷

Porém não se pode fechar os olhos para os desafios éticos que as redes sociais criam e apresentam: crise das instituições, crise de legitimidade, globalização da informação e do crime, globalização dos protestos e da rebelião como novo tipo de terrorismo, fundamentalismo religioso.¹⁸⁸ Citando Castells, Daniel Zanon afirma que o poder está na informação; “está em toda parte e em lugar nenhum: está na produção em série, nos fluxos financeiros, nos estilos de vida, nos hospitais, nas escolas, na televisão, nas imagens, nas mensagens, nas tecnologias. Os detentores do poder são agora os conectores, os nós.”¹⁸⁹

Diante da complexidade dos papéis sociais, o que pode fazer o agente cristão? “A Igreja pode contribuir muito no processo de transformação social, principalmente através da identidade de projeto.”¹⁹⁰ A fé carrega o contributo, o peso da história e da integralidade, sendo capaz de conferir segurança, veracidade e relevância a toda iniciativa humana.

Como cristãos, a atividade pastoral deve “criar formas de interações através da internet para auxiliar as pessoas que estão próximas,”¹⁹¹ sejam elas fisicamente (o próximo à distância) ou virtualmente (o próximo *online*).

¹⁸⁶ PINHEIRO, 2015, p. 18-19.

¹⁸⁷ PINHEIRO, 2015, p. 48-49.

¹⁸⁸ ZANON, 2018, p. 88-89.

¹⁸⁹ ZANON, 2018, p. 89.

¹⁹⁰ ZANON, 2018, p. 101.

¹⁹¹ PINHEIRO, 2015, p. 49.

2.8 REDES SOCIAIS E SEUS DESAFIOS

As plataformas das redes sociais tornam-se sempre um desafio, pois apresentam, paradoxalmente, ajuda em potencial e ameaças: ao passo que facilitam e conectam rapidamente, podem afastar realmente os agentes da ação. Jamais pode “a internet [...] ser configurada como um substituto alienante da realidade, mas um local capaz de incrementar a vida comum com potencialidade e, portanto, também os relacionamentos.”¹⁹² Nesta perspectiva, a internet e suas diversas plataformas tornam-se também aliadas fundamentais para a fé na modernidade.

Um dos desafios a serem considerados, fruto do sistema econômico perverso que pode se tornar este no qual se insere a história, é a comercialização das informações. Sensacionalismos fúteis e mentirosos, informações vendidas ou vazadas, comércio ilegal de imagens pornográficas, informações ou imagens trágicas para fins de chantagens, etc. O ambiente virtual, por ser aberto e altamente abrangente, pode se tornar palco de comércio ilegal, chantagista e desmedido.¹⁹³

Ao passo que as redes sociais podem se tornar uma espécie de “canal alternativo de notícias”¹⁹⁴ em paralelo com os canais oficiais de informações, trazendo furos de reportagens, atualizações instantâneas de notícias,¹⁹⁵ é um instrumento que não exige nenhum filtro. “Não existe nenhuma garantia de qualquer tipo com relação ao que está escrito, a não ser a credibilidade pessoal”¹⁹⁶ do autor das informações.

Outro problema em potencial a ser superado através da formação da consciência é a seletividade dos usuários com quem deseja-se conectar. A possibilidade de criar uma rede de amizades selecionadas, mesmo que possa garantir certa sensação de segurança de dados pessoais e privacidade, numa utilização pastoral perde em qualidade, já que restringe os vínculos de alcance e comunhão. Este processo pode fazer com que o usuário se isole em grupos fechados de preferências pessoais e dificulte a difusão da mensagem essencial do trabalho de evangelização.¹⁹⁷ É preciso que se encontre um meio termo,

¹⁹² SPADARO, 2013, p. 8.

¹⁹³ BAUMAN, 2011, p. 22-23.

¹⁹⁴ SPADARO, 2013, p. 31.

¹⁹⁵ SPADARO, 2013, p. 31.

¹⁹⁶ SPADARO, 2013, p. 33.

¹⁹⁷ SPADARO, 2013, p. 102.

entre o modo de seleção das conexões e da garantia de privacidade e segurança.

Hoje “a internet contribui para a formação da opinião de muitas pessoas.”¹⁹⁸ O desafio é formar as consciências pelo Evangelho, e não substituí-las. A necessidade virtual que hoje se percebe, ao observar alguém que não pode ficar muito tempo longe do seu *smartphone* e de suas redes sociais, tornou-se uma necessidade antropológica. A busca virtual é, no fundo, uma busca do essencial. A Igreja, atenta aos sinais dos novos tempos e em vista de uma nova evangelização, precisa, com coerência e consistência, não eximir-se de oferecer o Evangelho no campo virtual, mesmo com suas lacunas e incoerências, para que tal busca seja repleta de sentido.

2.9 A REDE SOCIAL COMO LOCAL TEOLÓGICO

A partir da renovação do Concílio Vaticano II, o mundo foi encarado não mais como inimigo da Igreja, mas aliado dela na construção do Reino de Deus. Assim, os cristãos, “estão obrigados não somente a impregnar o mundo de espírito cristão, mas também são chamados a serem testemunhos de Cristo em tudo, no meio da comunidade humana.”¹⁹⁹ Pelos olhos da fé, toda inovação precisa corresponder ao desenvolvimento integral do ser humano.

Assim, a *Rede* é um local: é um ambiente comunicativo, formativo e informativo, não um *meio a ser usado* como um martelo ou uma antena. A internet não é um simples *instrumento* de comunicação que se pode usar ou não, mas um ambiente *cultural* que determina um estilo de pensamento e cria novos territórios e novas formas de educação, contribuindo para definir também um modo novo de estimular as inteligências e de construir o conhecimento e as relações.²⁰⁰

¹⁹⁸ PINHEIRO, 2015, p. 15.

¹⁹⁹ CONCÍLIO VATICANO II, 1962-1965, Vaticano. Constituição Dogmática *Gaudium et Spes*. In: VIER, Frederico (Coord.). **Compêndio do Vaticano II: constituições, decretos, declarações**. 29. ed. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 141-256. p. cit. 190; GS 43.

²⁰⁰ FAXINA; GOMES, 2016, p. 7, grifo do autor.

Tem a Igreja, como Mãe e Mestra, o papel de ajudar os cristãos e todos os usuários, através dos seus agentes pastorais bem preparados, a terem a oportunidade de utilizar os meios virtuais de modo saudável e consciente, para que se torne um meio de integração no crescimento humano e espiritual.

De fato, o ser humano não permanece imutável em seu modo de manipular o mundo: são transformados não só os meios com os quais se comunica, mas também o próprio homem e a sua cultura. Por isso é necessário nos esforçarmos para que a Rede não se transforme num local de compartilhamento de palavras e imagens que degradem o ser humano, e de mensagens que alimentem o ódio e a intolerância, ou que explorem os fracos e indefesos.²⁰¹

A Igreja, como já vem dando lances e luzes sobre esta perspectiva, não pode eximir-se desta realidade. “O ser humano atual é informado e conectado, acessa dados e vive entre os espaços virtuais. A ausência da paróquia nesses meios é inconcebível.”²⁰² Como parte do processo de desenvolvimento da história humana, também a Igreja vai, ao seu tempo e modo, olhando com carinho tais mudanças e integrando-as no processo de uma nova evangelização de tais realidades modernas.

A Igreja existe há cerca de dois mil anos. Nesse período relacionou-se com as mais diferentes sociedades (primitivas, democráticas, monárquicas, oligárquicas etc.) e sempre se destacou em todas elas, inculturando ali o Evangelho. Será a sociedade em rede tão inovadora que mudará essa prerrogativa? Como pode a Igreja adaptar-se e conciliar-se com a sociedade em rede? Não será a própria Igreja uma sociedade em rede?²⁰³

²⁰¹ FAXINA; GOMES, 2016, p. 7.

²⁰² CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. **Comunidade de comunidades**: uma nova paróquia. Brasília: CNBB, 2014. p. 128; Doc. 100,312.

²⁰³ ZANON, 2018, p. 9.

O aspecto fé é capaz de abrir a visão do usuário virtual para que sua experiência não se limite a um espaço vazio e frio, mas se expanda para uma experiência potencialmente agregadora.²⁰⁴ O maior problema “é, portanto, a redução da realidade a uma sua representação manipulável e reversível pela qual a experiência se reduz a simulação, jogo interativo, fruição de uma imagem.”²⁰⁵ O ciberespaço pode ser pensado como uma “terra digital”²⁰⁶ e pode ser encarada, assim, como “terra de missão, [...] oportunidades de encontro e crescimento.”²⁰⁷

Desta nova cultura em construção, representada pelos relacionamentos virtuais, Antônio Spadaro sugere o conceito de “ciberteologia”, que encontra seu espaço na “possibilidade da prática religiosa”²⁰⁸ em ambiente online. A Igreja não pode deixar de “estar presente onde o homem desenvolve a sua capacidade de conhecimento e de relações.”²⁰⁹ A “ciberteologia” pode ainda ser conceituada como a “inteligência da fé nos tempos da rede.”²¹⁰

Deste modo se pode afirmar que o ciberespaço é um lugar, “onde há pessoas desejosas de encontros verdadeiros com pessoas verdadeiras. Nisto há muito a se explorar, muito a desbravar.”²¹¹ Reconhece-se neste novo espaço pessoal e social também um lugar teológico, onde “Deus está presente [...] como está no mundo real. Isso ocorre porque o homem está ali. É preciso parar de contrapor um mundo chamado *real* ao mundo *virtual*.”²¹² A cisão só contribui para pensar o ser humano em fuga dos desafios do mundo cibernético. Precisa-se pensar estes dois aspectos como constituintes da mesma realidade. A virtualidade também é real e se complementa nas relações presenciais.

Tem-se, desse modo, “a ideia da internet como um espaço de participação.”²¹³ A rede social “não oferece apenas a oportunidade de

²⁰⁴ SPADARO, 2013, p. 90.

²⁰⁵ SPADARO, 2013, p. 91.

²⁰⁶ SPADARO, 2013, p. 92.

²⁰⁷ SPADARO, 2013, p. 92.

²⁰⁸ PINHEIRO, 2015, p. 58.

²⁰⁹ PINHEIRO, 2015, p. 58.

²¹⁰ SPADARO, 2013, p. 40.

²¹¹ FARIAS, Vinícius. **Conectados para o encontro: 10 passos para evangelizar nas redes sociais.** São Paulo: Paulus, 2015. p. 13.

²¹² FARIAS, 2015, p. 74, grifo do autor.

²¹³ “c’è l’idea che Internet è uno spazio di partecipazione.” (FABRIS, Adriano. **Diocesi e web: presenza istituzionale ed etica della partecipazione.** Roma: [s.n.], 2009. (*Chiesa in Rete 2.0, Roma 19-20 gennaio 2009*). p. 2. Disponível

uma vitrine, bem como um site não é apenas a oportunidade de tornar-se conhecido.”²¹⁴ Elas são oportunidades para “formas de relacionamento mais articuladas e mais profundas,”²¹⁵ e se tornam “uma potencialização das nossas oportunidades de relação.”²¹⁶ O espaço virtual “é local de relações, de testemunho, de formação, de comunicação, de ação e contemplação, e, por que não, de encontro com Deus. O ciberespaço é um espaço sagrado.”²¹⁷ E como tal, precisa, por parte da Igreja, em seus agentes, de atenção, empenho e criatividade.

em: <http://www.progettoculturale.it/ccl_new_v3/allegati/5387/ChiesainReteFabris.pdf>. Acesso em: 23 mai. 2019, tradução nossa).

²¹⁴ “non offre solo l’opportunità di una vetrina, così come un sito non è solamente l’occasione di farsi conoscere.” (FABRIS, 2009, p. 3, tradução nossa).

²¹⁵ “forme di relazione più articolate e profonde.” (FABRIS, 2009, p. 3, tradução nossa).

²¹⁶ “Si tratta di un potenziamento, ho detto, delle nostre opportunità di relazione.” (FABRIS, 2009, p. 3, tradução nossa).

²¹⁷ ZANON, 2018, p. 40.

3 UM ITINERÁRIO PARA A FÉ NAS REDES SOCIAIS

Diante do contexto atual, analisado no primeiro capítulo a partir dos conceitos de “realidade líquida” e “pós-verdade”, e do vasto campo missionário que representam as redes sociais, explanado brevemente no segundo capítulo a partir do pensamento de Spadaro, a Igreja não pode ausentar-se do compromisso de formar as consciências dos seus usuários,²¹⁸ conduzindo-os para uma verdadeira experiência de Deus no ambiente digital.

3.1 O DESEJO REFLEXO NAS REDES

Segundo Spadaro, a tecnologia é um dom de Deus manifesto e concretizado pela inteligência humana. Ele insiste que é preciso enxergar o mundo digital como dádiva divina. O desenvolvimento do ser humano o faz mestre na criação,²¹⁹ no trabalho com a tecnologia, os cristãos promovem seu “desejo de ver Deus operando no mundo,”²²⁰ conduzindo-o à sua plena realização.

Além disso, a tecnologia exprime o desejo do homem por uma plenitude que sempre o supera tanto em nível de presença e relações quanto em nível de conhecimento: o ciberespaço ressalta nossa finitude e exige uma completude. Buscá-la significa de certa forma operar num campo em que a espiritualidade e a tecnologia se cruzam.²²¹

A necessidade virtual que hoje se percebe ao observar alguém que não pode ficar muito tempo longe do seu *smartphone* e de suas redes sociais é identificada como uma necessidade antropológica. A busca virtual é, no fundo, uma busca do essencial. A Igreja, atenta aos sinais dos novos tempos e em vista de uma evangelização profunda e eficaz, precisa, com coerência e consistência, não eximir-se de oferecer o Evangelho no campo virtual para que tal busca seja repleta de sentido

²¹⁸ PINHEIRO, 2015, p. 15.

²¹⁹ SPADARO, Antonio. **Ciberteologia**: pensar o cristianismo nos tempos da rede. Trad. Cacilda R. Ferrante. São Paulo: Paulinas, 2012. (Coleção conectividade). p. 11.

²²⁰ SPADARO, 2012, p. 12.

²²¹ SPADARO, 2012, p. 12.

e os usuário “queiram inserir-se num projeto comum que vai além dos benéficos e desejos pessoais.”²²²

O olhar sobre o ambiente virtual deve ser abrangente, não apenas nos recursos que apresentam no presente, mas na potencialidade que tem na construção de uma nova humanidade. “A tecnologia, portanto, não é um conjunto de objetos modernos e de vanguarda. Ela faz parte da ação com a qual o ser humano exerce sua própria capacidade de conhecimento, de liberdade e de responsabilidade.”²²³ A internet é espaço de indivíduos e grupos; é lugar da humanidade.

A Igreja está naturalmente presente onde o homem desenvolve a sua capacidade de conhecimento e de relações; desde sempre ela possui no anúncio de uma mensagem e nas relações de comunhão os dois pilares fundamentais de sua existência. Eis por que a rede e a Igreja são duas realidades desde sempre destinadas a se encontrar. [...] Nesse sentido a rede não é um novo meio de evangelização, mas antes de tudo um contexto no qual a fé é chamada a se exprimir não por uma mera vontade de presença, mas por uma conaturalidade do cristianismo com a vida dos homens.²²⁴

É um grande desafio hoje, para a Igreja, a pastoral digital. Faltam agentes especializados no ciberespaço, com perspectivas novas e com projetos a longo prazo para a evangelização cristã. De acordo com os dados apresentados a partir da pesquisa de campo feita para esta pesquisa acadêmica, disponibilizam-se elementos mais concretos para compreender o panorama atual da evangelização da Igreja Católica no ambiente digital, especialmente nos canais oficiais de nossas instituições eclesiais, abrangendo perfis de dioceses, paróquias e movimentos católicos que pretendem ser presença eficaz e porta voz do que ensina e transmite a Igreja enquanto magistério universal.

²²² SUESS, Paulo. **Dicionário da *Evangelii Gaudium***: 50 palavras-chave para uma leitura pastoral da exortação apostólica *Evangelii Gaudium* – a alegria do Evangelho -, do Papa Francisco, sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual. São Paulo: Paulus, 2015. (Coleção comunidade e missão). p. 61.

²²³ SPADARO, 2012, p. 22.

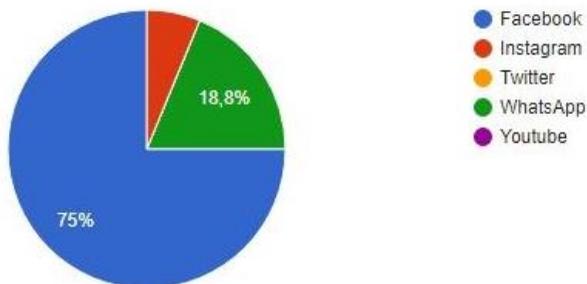
²²⁴ SPADARO, 2012, p. 24-25.

3.2 OS AGENTES DE PASTORAL, AS REDES E SEUS RESULTADOS

Para testar os resultados alcançados pelo trabalho da Igreja nas redes sociais, foi realizada uma pesquisa de campo, através do Google Formulários,²²⁵ com o intuito de verificar o alcance das postagens de perfis católicos nas redes sociais, o retorno por parte dos usuários, a eficácia alcançada pelos objetivos propostos de tais postagens e as fontes e referências consultadas e utilizadas para o apostolado dos respectivos perfis. A pesquisa contou com 140 participantes das Dioceses de Rio do Sul, Joinville, Tubarão e Florianópolis. Participaram agentes que, de algum modo, estão ligados à manutenção e alimento de perfis oficiais de dioceses, paróquias e comunidades católicas nas redes sociais do Facebook (em grande maioria, representando na pesquisa 75%), Whatsapp (18%), Instagram (6%), Youtube e outros (1%).

Quadro 1 – Plataforma digital utilizada

Qual plataforma digital [rede social] mais utiliza?



Fonte: Google Formulários, média dos resultados da pesquisa de campo.

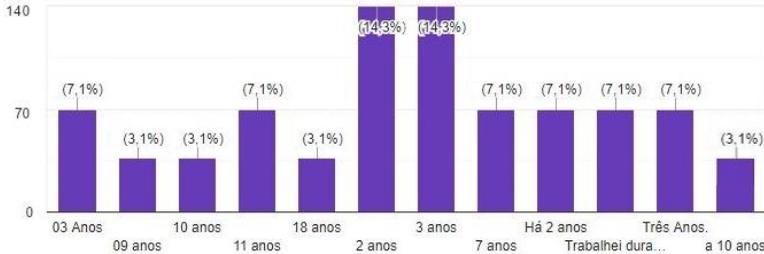
Os agentes pastorais que participaram da pesquisa trabalham, em sua grande maioria, 3 anos ou mais na sua função. Parece haver uma certa constância por parte de quem se dedica ao apostolado digital. Isso

²²⁵ A pesquisa de campo foi realizada a partir da plataforma *Google Formulários*; ela foi aberta para participação em 30 de maio de 2018 e esteve disponível para dados válidos nesta pesquisa no período de 1 ano. Link referencial: <https://docs.google.com/forms/d/1fov36AiryrBj2zsQaOKczpZt29KTunG_XT7YOLKJYpc/prefill>.

ajuda na agregação de conteúdo e experiência. Pode-se deduzir, a partir deste dado, que os agentes dedicados a tal trabalho pastoral o fazem porque entendem-se vocacionados para o que realizam.

Quadro 2 – Tempo de atuação na Pastoral da Comunicação

Quanto tempo trabalha com a PASCOM?

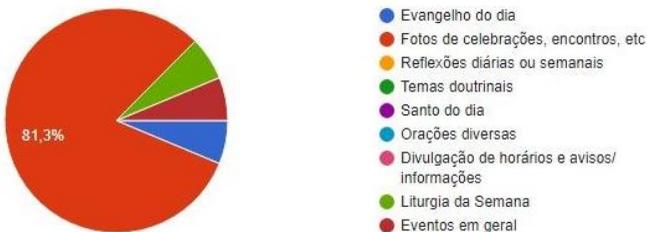


Fonte: Google Formulários, média dos resultados da pesquisa de campo.

Esperava-se da pesquisa um retrato do rosto eclesial diante do ambiente digital como uma presença fecunda e significativa enquanto lugar de fé. Porém, constatou-se ainda a utilização dos perfis nas redes sociais de modo embrionário no trabalho de evangelização, como meios apenas de divulgação de informações e imagens de eventos. Grande parte do espaço disponível nas redes sociais, dos aqui pesquisados, destina-se a divulgação de fotos de eventos paroquiais ou diocesanos.

Quadro 3 – Área temática das publicações

Em qual área da pastoral da Igreja a página mais publica?



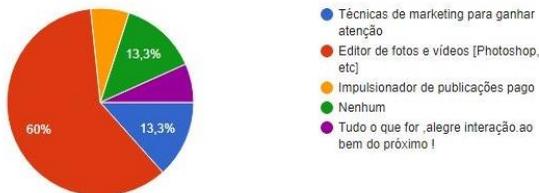
Fonte: Google Formulários, média dos resultados da pesquisa de campo.

Não se quer aqui afirmar que a divulgação de fotos de eventos não seja um meio de evangelização, mas diante do potencial e das oportunidades que podem oferecer as redes sociais para a fé da Igreja, o movimento e utilização ainda parece ser bem inferior ao desejado.

Além dos recursos diretos para o apostolado (a simples captura de imagem ou elaboração de conteúdo para compartilhamento), outros auxílios e técnicas profissionais também foram citados como potenciais ajudas na produção e reprodução dos conteúdos das páginas citadas.

Quadro 4 – Recursos utilizados para publicações

Que recursos utilizam e se preocupam para criar as postagens e manter a página, além dos temas religiosos?



Fonte: Google Formulários, média dos resultados da pesquisa de campo.

O cuidado que se deve ter é com os critérios a serem empregados, para que os objetivos sejam alcançados. É importante haver a complementação de outras ciências e outros métodos para colaborar com a mensagem do Evangelho e seu encontro na vida dos usuários. Porém deve-se cuidar para que não sejam meios apenas capazes de provocar euforia momentânea, sem fazer surtir uma experiência mais profunda e eficaz no coração dos usuários.

Os compartilhamentos de conteúdos formativos ou doutrinários bebem de fontes seguras. A importância a ser salientada é de, em tempos de *fake news* (falsamento e manipulação de informações para o alcance de determinado impacto), o melhor caminho a ser tomado é, de fato, servir-se da comunhão da Igreja para ajudar os usuários a darem sentido e razões à sua fé. E este critério é importante, ainda mais quando se procura compartilhar conteúdos de própria autoria, a fim de que não se perca o vínculo de unidade com a mensagem legítima da Verdade. No caso do quadro 5, nota-se a quantidade expressiva de compartilhamento de conteúdo próprios, gerados pela própria página, que, por consequência, é também fruto da mentalidade de compartilhar

apenas os conteúdos de registros e informações de eventos, que são conteúdos mais imediatos e de menos impacto evangelizador.

Quadro 5 – Autoria e compartilhamento das publicações

A página costuma fazer publicações próprias ou compartilha conteúdos de outras páginas? Se compartilha de outras páginas, quais?

Principalmente publicações próprias. Compartilha Vatican news e poucas vezes da Diocese
Geralmente próprias e locais.
Compartilha publicações de outras comunidades da paróquia.
Publicações próprias
Só compartilhamos nos canais da diocese, CNBB e Vaticano
Publicações próprias/ palavra do Bispo compartilha do boletim online da diocese.
CNBB, informações mitra Jlle
Fazemos publicações próprias com orientação do Pároco e compartilhamos notícias de outras fontes católicas. Ex: Canção nova, CNBB, etc... (sempre verificando a veracidade da informação).
Diversos, sempre verificando a veracidade.
Publicações próprias. De outras pág apenas utilidade pública. Esta que compete ao conhecimento de todos.
Publicações próprias, compartilhamentos de face das comunidades e grupo de jovens das comunidades.

Fonte: Google Formulários, média dos resultados da pesquisa de campo.

Os resultados anteriormente apresentados no quadro 5 demonstram positivamente a busca pela informação segura e certa. Deste modo a Igreja assegura sua missão no mundo como um sinal da Verdade e do amor em meio a tempos instáveis.²²⁶ A credibilidade que adquire a comunidade cristã diante de outras crenças (e até dos não crentes) passa pelo testemunho de comunhão e unidade. Raniero Cantalamessa, ao falar da unidade, salienta dois movimentos importantes: o “centrípeto”, como um movimento interior de orientação da comunidade ao Ressuscitado, e o “centrífugo”, das comunidades

²²⁶ CONCÍLIO VATICANO II, 1962-1965, Vaticano. Constituição Dogmática *Lumen Gentium*. In: VIER, Frederico (Coord.). **Compêndio do Vaticano II:** constituições, decretos, declarações. 29. ed. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 37-113. p. cit. 39; LG 1.

entre si. Este só acontece a partir daquele.²²⁷ Deste modo revela-se a unidade e a comunhão interior que molda todo espírito cristão e seu apostolado. Cuidar das fontes é prezar pelo testemunho zelar pela unidade. Isto se demonstra pelo quadro a seguir:

Quadro 6 – Fontes das publicações

Qual as fontes utilizadas para as informações [especialmente as religiosas] escritas e publicadas ou compartilhadas? Site do Vaticano, CNBB, algum movimento, alguma figura pública, etc.

Site do Vaticano
Não usamos
Vaticano e CNBB
Vaticano, Portal da Diocese, CNBB
Gerais
Site do Vaticano, CNBB, figura pública
Liturgia diária (canção nova), CNBB, Cúria Diocesana de Joinville.
Dos movimentos existentes na paróquia, Santo Padre, CNBB, etc.
CNBB e Boatos.org
Jornal Paroquial, divulgação de eventos.
Variedades .religiosa e pública.tudo oque tiver bom senso e realidade .
Site do Vaticano, Alegria.org, santajregiacatolica@instagram, site Padre Paulo Ricardo, Canção Nova

Fonte: Google Formulários, média dos resultados da pesquisa de campo.

As fontes são seguras. Mas será que o conteúdo chega a quem se destina ou mais precisa? Conforme o quadro a seguir, ainda se torna insuficiente o alcance ou a linguagem para atingir o público de maior incidência nas redes sociais: os jovens. Grande parte dos usuários que interagem com as páginas pesquisadas são os de meia ou terceira idade e os próprios paroquianos (o que demonstra uma falta de criatividade missionária). Reitera-se, portanto, a importância que os documentos da

²²⁷ CANTALAMESSA, Raniero. **O mistério de Pentecostes**: todos ficaram cheios do Espírito Santo. Trad. Ivo Montanhese. Aparecida: Santuário, 1998. p. 17.

CNBB apresentam, exortando para que todas as atividades de evangelização e apostolado sejam realizadas em “chave missionária.”²²⁸

Quadro 7 – Alcance das páginas

Que categoria de pessoas [jovens, paroquianos, idosos, crianças, pessoas de longe, religiosos, etc] mais interage com a página?

Pessoas de longe e paroquianos
Adultos diocesanos
Paroquianos, idosos e pessoas que colaboram na comunidade.
Paroquianos e meia idade
adultos de vários lugares
Geral
crianças, Jovens e Adulto
Mais adultos, mas é público em geral.
Abrange todas, mas com timidez o público idoso que não tem acesso as mídias digitais. Preferência por jornal físico.
paroquianos
Jovens, adultos, paroquianos, pessoas de longe

Fonte: Google Formulários, média dos resultados da pesquisa de campo.

Por fim, referente ao objetivo do apostolado nas redes sociais, a preocupação média elencada se coloca na lógica do repasse de informação e encaminhamentos pastorais práticos e instantâneos, em detrimento à lógica missionária que, ocupando o espaço digital, faz dele uma oportunidade para suscitar a experiência com Deus, a comunhão com a Igreja e a alegria da fé. Parece que a satisfação acontece neste objetivo mais imediato, carecendo de um projeto permanente de evangelização que, a longo prazo, suscita novos agentes, cristãos mais conscientes e que poderiam realizar seu primeiro contato mais profundo com a fé a partir das redes sociais.

A proposta do catecumenato, como um caminho de catequese mais profundo e mistagógico, visa a uma vida imersa no mistério de Cristo e de testemunho eloquente a ser realizada num processo a longo

²²⁸ CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. **Cristãos leigos e leigas na Igreja e na sociedade**. Documentos da CNBB 105. São Paulo: Paulinas, 2016. p. 123-124; Doc. 105,196.

prazo ou (por que não dizer) para a vida inteira. O despertar inicial para esta vida com Cristo, que encontra lugar fecundo e grande oportunidade nas redes sociais, deve ser contagiante, qualitativo, criativo e profundo o suficiente que possa envolver a vida e as opções fundamentais dos usuários.²²⁹ Faz-se mais que necessário, para isso, um apostolado digital sério, profundo e mistagógico.

Quadro 8 – *Feedback* das publicações

Qual a repercussão e o objetivo de divulgação da página? Esta recebe algum retorno, comentário, crítica ou algum outro tipo de feedback?

Evangelizar. O retorno é ver tantas pessoas curtirem, comentar, compartilhar e, principalmente, visualizar
O objetivo é a divulgação de atividades, convites e iniciativas... As postagens recebem comentários.
Fazer que as pessoas estejam a par daquilo que está acontecendo na paróquia e comunidade; visualização dos eventos que acontecem na comunidade; tirar dúvidas das pessoas.
Comentários, compartilhamento e inscrições
Nosso objetivo com a página é atingir o maior número possível de pessoas, colocando-as a par do que acontece em nossa paróquia e ajudando na evangelização. Recebemos muitos comentários e sugestões.
repercussão boa. Objetivo: evangelizar através das mídias - sim recebe elogios, curtidas/ visualizações.
Sim a pagina recebe elogio e criticas quando necessário
Geralmente é bastante acessado os conteúdos, a interação é maior no Evangelho do dia, porém as mais visitas são publicações de fotos e vídeos curtos.
Às vezes tem retorno
Tem ótima repercussão. Os retornos são louvável de satisfação por saber e estar atentos aos acontecimentos eclesiais.
Comentários e feedback sobre assuntos de sacramentos da Igreja (encaminhados para Secretaria paroquial)
Sim, as pessoas comentam falam o que acham
Bom retorno com , orientação de cursos. local , horários ,entre outros etc.
Divulgação de temas importantes pertinentes a nossa fé e divulgação dos eventos, celebrações, cursos da Paróquia e da Diocese

Fonte: Google Formulários, média dos resultados da pesquisa de campo.

Apesar de grande boa vontade da maioria dos agentes de pastoral da Igreja, especialmente dos que trabalham com a comunicação digital, é urgente uma mudança de consciência no tocante às motivações e aos objetivos, através dos quais empenham esforços em prol da evangelização pelas redes sociais. Reitera-se aqui a ideia já vista: a rede

²²⁹ RITUAL DA INICIAÇÃO CRISTÃ DE ADULTOS. Tradução portuguesa para o Brasil. São Paulo: Paulus, 2001. p. 17-18.

social não é um instrumento a ser usado, mas é um ambiente a ser habitado.²³⁰ Zanon ressalta a necessidade de uma conversão pastoral por parte dos agentes responsáveis pela ação pastoral da Igreja, “para desempenhar a sua missão neste novo contexto cultural e midiático.”²³¹ Almeja-se neste capítulo apresentar uma proposta para tal proposição, a partir de uma releitura pastoral da *Evangelii Gaudium* de Francisco.

3.3 UM NOVO OLHAR DA IGREJA

O Concílio Vaticano II²³² “é um marco fundamental que preparou a Igreja para a relação com a sociedade em rede. A nova estrutura e a nova concepção de Igreja, adotadas após o Vaticano II, deram um novo impulso a ela, iluminando diversas áreas.”²³³ Nestes mais de 50 anos de renovação eclesial já se percebe gigantescos avanços na relação da Igreja consigo mesma e com o mundo.

Dentre as principais transformações trazidas, destaca-se a reestruturação da Igreja, com o objetivo de adaptar a doutrina ao mundo contemporâneo, pós-moderno e com valores totalmente diferentes dos períodos anteriores. Falava-se constantemente num *aggiornamento*, que significa aperfeiçoamento, atualização, uma reeducação visando a estar inteirado com a modernidade. O caráter pastoral assumido significa um novo modo de agir da Igreja e do seu magistério; um agir mais voltado para o mundo e

²³⁰ SPADARO, 2013, p. 7.

²³¹ ZANON, 2018, p. 99.

²³² Grande assembleia do Papa com os bispos do mundo inteiro. Foi convocado por São João XXIII e encerrado por São Paulo VI. Aconteceu na cidade do Vaticano entre o período de 1962 a 1965. “Foi o concílio ecumênico mais representativo dos 21 da história da Igreja, com a participação de mais de dois mil bispos do mundo. Por vontade expressa de João XXIII foi um concílio pastoral, isto é, não foi dedicado a condenar erros mas a procurar a atualização da doutrina da Igreja face à sociedade contemporânea.” SECRETARIADO NACIONAL DA PASTORAL DA CULTURA. Portugal: SNPC. [s.d.]. não paginado. Disponível em: <SECRETARIADO NACIONAL DA PASTORAL DA CULTURA. **Concílio Vaticano II**: origem e documentos. Portugal: SNPC. Disponível em: <https://www.snpcultura.org/concilio_vaticano_ii_origem_e_documentos.htm>. Acesso em: 01 jun. 2019.

²³³ ZANON, 2018, p. 76.

para as suas necessidades; o diálogo com a sociedade.²³⁴

Num tempo marcado pelas consequências das grandes guerras, de profundas mudanças culturais, econômicas e sociais,

surge um novo modo de ser e de compreender a Igreja. De um modelo de Igreja como sociedade perfeita passa-se agora a uma pluralidade de imagens, complementares entre si e orientadas pela perspectiva do mistério da Trindade. O Concílio pede que entre pastores e fiéis haja uma *comunidade de relações* e um múltiplo apoio, pois todos são *chamados à santidade*.²³⁵

A Igreja no Brasil, através do conceito “rede de comunidades”, inaugurado pelo Estudo 104 da CNBB e condensado no Documento 100, propõe um resgate do modelo e inspiração das primeiras comunidades. Estas “eram estruturadas em forma de rede, com vários núcleos interligados, sem um centro regulador; com grupos minoritários, sem pretensões de monopólio do poder e com um estilo de vida testemunhal.”²³⁶ A partir desse modelo, pretende-se hoje dar uma nova chave de leitura para a evangelização em rede, digital, vencendo estruturas ultrapassadas e individualistas, assumindo um viés permanentemente missionário.²³⁷ Hoje o modelo é inspiração para uma nova metodologia e estruturação do pensar e do agir da Igreja.

Uma visão otimista permitiria ver aqui (nas primeiras comunidades) o princípio de uma sociedade em rede. Havia partilha dos mesmos códigos, dos mesmos princípios, dos mesmos ideais, das mesmas rotinas, ritos, símbolos etc. havia uma grande sintonia de objetivos e ações. O que acontecia num dos nós era rapidamente levado a todos os outros e tinha repercussão imediata.²³⁸

²³⁴ ZANON, 2018, p. 77, grifo do autor.

²³⁵ ZANON, 2018, p. 78, grifos do autor.

²³⁶ ZANON, 2018, p. 82.

²³⁷ CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL, 2014. p. 31; Doc. 100,45.

²³⁸ ZANON, 2018, p. 88.

O modo de pensar da Igreja com os rumos da humanidade parece estar em sintonia. Ambas vão construindo, deste modo, caminhos de comunhão e de participação na edificação do Reino de Deus.

A sociedade em rede promove a descentralização do poder da Igreja, com voz para o leigo, como queria o Vaticano II. A Santa Sé oferece a visão oficial, mas outras iniciativas oferecem acolhida, diálogo, orientação, partilha de sentimentos e preocupações religiosas, participação em rituais, responde a perguntas desafiadoras sobre a fé etc. [...] Quanto insiste o Papa Francisco na construção de uma Igreja em saída e na cultura do encontro, o que mostra que ele está muito atento às tendências da sociedade atual e às necessidades do povo. Se prestarmos atenção às mensagens do Papa Francisco, compreenderemos muito bem a necessidade de mudar e dar testemunho da fé em meio a esta àgora digital.²³⁹

A ação da Igreja pós-conciliar conduz sempre ao encontro, à interação com o mundo e suas realidades. “O pontificado do Papa Francisco tem dado muitas provas desta horizontalidade ou trabalho em rede.”²⁴⁰ São caminhos de integração, comunhão, indo rumo às horizontalidades das periferias sociais, existenciais e digitais.

Há, porém, um longo caminho ainda a percorrer no que se refere à descentralização das decisões; ao trabalho em rede; à valorização dos muitos formatos e linguagens disponíveis, com atenção para a *nova simbólica* e a nova gramática criada pela rede; a interatividade como recurso pastoral; no combate aos processos de exclusão social etc. mas certamente há muito mais oportunidades e possibilidades do que ameaças. Há mais elementos que unem a Igreja e a sociedade em rede do que elementos que as separam.²⁴¹

²³⁹ ZANON, 2018, p. 93.

²⁴⁰ ZANON, 2018, p. 103.

²⁴¹ ZANON, 2018, p. 103, grifo do autor.

As potencialidades das redes sociais, bem aproveitadas e cultivadas, são grandes oportunidades para a Igreja exercer seu múnus de santificação, também do espaço digital, na promoção da cultura do encontro e da paz.

3.4 A LINGUAGEM DAS REDES

Assim como em vários processos de inculturação, a fé conta com o ambiente contextual para anunciar o Evangelho. Também no mundo das redes digitais, a Igreja, em seus agentes, não pode servir-se de categorias demasiadas gerais, de modo a perder-se e diluir-se na grande massa, mas deve ter direção, buscar encontrar o outro na sua “individualidade comunitária.”²⁴² Cada publicação ou conteúdo midiático deve levar em conta as dimensões individual e comunitária dos usuários. O sujeito conectado tem um nome, um rosto, um anseio, um sonho. Como poderá o Evangelho atingir aquele indivíduo que busca encontrar-se na grande massa? “*Sujeitos, espaços, proximidade entre sujeitos e espaços através de uma evangelização inculturada e conversão* representam pilares da nova evangelização.”²⁴³

Além disso, a fé nunca pode prescindir e desvincular de sua mensagem a realidade que se encontra. A Palavra, pronunciada “para a vida do mundo,”²⁴⁴ tem um nome e um rosto. “Jesus Cristo é o rosto da misericórdia do Pai. O mistério da fé cristã parece encontrar nestas palavras a sua síntese. Tal misericórdia tornou-se viva, visível e atingiu o seu clímax em Jesus de Nazaré.”²⁴⁵

A palavra da Igreja, a partir do seu contexto e nas linguagens contextuais, sempre deve estar impregnada da Verdade e da Vida sintetizadas na pessoa de Jesus. Somente assim o apostolado será fecundo. Espera-se “uma Igreja que saiba transmitir as verdades antigas (o Evangelho) com uma linguagem nova, com a nova *gramática digital*, a fim de ser compreendida e aceita por todos.”²⁴⁶

²⁴² LIMA, Erick. Individualidade é um conceito recíproco e comunitário: Fichte e as diretrizes de uma filosofia social segundo a *Wissenschaftslehre*. **Educação e filosofia**, Uberlândia: EDUFU, v.30, n.59, jan-jun 2016. não paginado. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/EducacaoFilosofia/article/view/29631>>. Acesso em: 11 dez. 2018.

²⁴³ SUESS, 2015, p. 83, grifos do autor.

²⁴⁴ Jo 6,51.

²⁴⁵ FRANCISCO. **Bula de proclamação do Jubileu extraordinário da Misericórdia *Misericordiae Vultus***. São Paulo: Paulinas, 2015. p. 5; MV 1.

²⁴⁶ ZANON, 2018, p. 97, grifo do autor.

O Evangelho, promotor de encontros, também se coloca na ordem do encontro entre o sujeito e a mensagem, a realidade e a virtualidade, o indivíduo e a comunidade, “visando desenvolver uma nova presença no mundo”²⁴⁷ a pessoa de fé, e “um novo discurso sobre a credibilidade, [...] que ajude a criar as predisposições para que o Evangelho seja escutado por todos.”²⁴⁸ No apostolado digital, o Evangelho pode hoje alcançar os confins, do mundo e das almas.

3.5 POR UMA TEOLOGIA DO ENCONTRO

O cristão é confrontado pela cultura atual que, em muito, contradiz e fragmenta a fé e os valores do Evangelho, conforme explicitado no primeiro capítulo desta pesquisa. São muito relevantes os ensinamentos de Francisco que, em sua atualidade e pertinência, falam á pessoa de fé no mundo moderno. Diante da “globalização da indiferença”²⁴⁹, é importante considerar e promover uma “cultura do encontro numa harmonia pluriforme”²⁵⁰, especialmente no ambiente das redes sociais, na qual interagem os movimentos de encontros, confrontos e também descartes. O encontro “é a capacidade do coração que torna possível a proximidade [...] [e] ajuda-nos a individuar o gesto e a palavra oportunos que nos desinstalam da cômoda condição de expectadores.”²⁵¹

No Pontificado de Francisco, o tema do encontro é chave para entender sua ação pastoral. Os seus discursos, mensagem e homilias sempre recorrem a essa ideia e, por consequência, orientam as ações dos cristãos no mundo. De modo análogo, sua prática contribui na corroboração desta ideia como uma importante linha pastoral de seu pontificado.

A intenção do Papa é combater a indiferença que prevalece em todos nós, a superficialidade das relações, buscar um encontro verdadeiro e profundo com o outro. [...] É preciso termos um desejo genuíno de ouvir o outro, aprender a ver o mundo com olhos diferentes e apreciar a

²⁴⁷ SEUSS, 2015, p. 63.

²⁴⁸ FRANCISCO, 2013, p. 111; EG 132.

²⁴⁹ FRANCISCO, 2013, p. 49; EG 54.

²⁵⁰ FRANCISCO, 2013, p. 177; EG 220.

²⁵¹ FRANCISCO, 2013, p. 140-141; EG 171.

experiência humana que se manifesta em diferentes culturas e tradições.²⁵²

O encontro da Igreja com o mundo digital se realiza através da interação e da construção comum dos caminhos. Deste modo, se pode falar de um “ecumenismo digital”. O encontro é um esforço de comunhão de ambos os sujeitos. “É preciso olhar, ouvir, tocar, ficar mais perto sempre, para não só dar, mas também e igualmente receber o que o outro tem para mim.”²⁵³ Deste modo, “no encontro com o outro que é diferente de nós podemos aprender muito e enriquecer toda a Igreja e a sociedade.”²⁵⁴ O esforço pela construção deste caminho de interação já é capaz de abrir oportunidades para a fé.

Citando a *Evangelii Gaudium*, o Dicionário da referida exortação, elaborado por Paulo Suess, alude que a “cultura do encontro” propõe uma nova lógica de relações eclesiais e sociais, criando novos espaços de comunicação, inclusive para a mensagem cristã. E, citando os números 87 e 88 da exortação apostólica, continua afirmando que as redes sociais, como novas “possibilidades de comunicação, traduzir-se-ão em novas oportunidades de encontro e solidariedade entre todos.”²⁵⁵ Ele continua, afirmando que

os mass-media podem ajudar-nos nisso, especialmente nos nossos dias em que as redes da comunicação humana atingiram progressos sem precedentes. Particularmente a internet pode oferecer maiores possibilidades de encontro e de solidariedade entre todos; e isto é uma coisa boa, é um dom de Deus.²⁵⁶

²⁵² BINGEMER, Maria Clara. **A cultura do encontro**. [s.l.]: Domtotal, 2017. não paginado. Disponível em: <<https://domtotal.com/artigo/6709/30/05/a-cultura-do-encontro/>>. Acesso em: 31 mai. 2019.

²⁵³ SUESS, 2015, p. 62.

²⁵⁴ BINGEMER, 2017, não paginado.

²⁵⁵ SUESS, 2015, p. 65.

²⁵⁶ FRANCISCO. **Mensagem para o XLVIII Dia Mundial das Comunicações Sociais**. Vaticano, 01 jun. 2014. não paginado. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/messages/communications/document/s/papa-francesco_20140124_messaggio-comunicazioni-sociali.html>. Acesso em: 13 mai. 2019.

Porém alerta, ao mesmo tempo, sobre a impossibilidade delas em alcançar “o realismo da dimensão social do Evangelho”²⁵⁷ e o “encontro com o rosto do outro, com a sua presença física que interpela, com os seus sofrimentos e suas reivindicações”²⁵⁸, não podendo de modo algum substituí-los.

A Igreja tem diante de si um novo “areópago” de evangelização. Em todos os momentos da vida, o cristão, impulsionado pela graça batismal, é chamado para algo nobre: comunicar a beleza e a grandeza do amor de Cristo pela humanidade.²⁵⁹ Tal amor transcende o entendimento e transborda a medida humana, estando presente em todo tempo e lugar; fazendo-se oportunidade no ambiente digital. O cristão é em todo lugar sinal luminoso da fé.

3.6 O CAMINHO E FRANCISCO

Através da pesquisa de campo realizada, percebeu-se que o apostolado digital é realizado regularmente, mesmo que de modo ainda muito tímido. Porém coloca-se aquém das potencialidades que carrega. Uma possível iluminação para a lacuna da presença efetiva da Igreja no ambiente e na vivência digital pode ser encontrada na Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium* de Francisco, que hoje é amplamente aceita na Igreja e nos setores da vida pública como um documento paradigmático e, por que não, profético.

Na esteira dos grandes documentos do Concílio Vaticano II, especialmente as quatro grandes constituições (*Dei Verbum*, sobre a Palavra de Deus; *Lumen Gentium*, sobre a constituição da Igreja; *Sacrosanctum Concilium*, sobre a Liturgia; e *Gaudium et Spes*, sobre a relação da Igreja com o mundo moderno)²⁶⁰, e *Evangelii Gaudium* também quer atualizar o *modus operandi* da ação evangelizadora, apresentando como tese central: o exercício da missão prioritária da Igreja “de anunciar o Evangelho de maneira renovada e eficaz.”²⁶¹

²⁵⁷ SUESS, 2015, p. 65.

²⁵⁸ SUESS, 2015, p. 65.

²⁵⁹ FRANCISCO, 2013, p. 10; EG 9.

²⁶⁰ ALETEIA BRASIL. **Conhecendo a nossa Igreja:** as 4 Constituições Apostólicas do Concílio Vaticano II. [s.l.]: Aleteia, 2015. não paginado. Disponível em: <<https://pt.aleteia.org/2015/09/11/conhecendo-a-nossa-igreja-as-4-constituicoes-apostolicas-do-concilio-vaticano-ii/>>. Acesso em: 05 jun. 2019.

²⁶¹ MORAES, Abimar Oliveira de. O anúncio do Evangelho na atualidade: uma introdução à *Evangelii Gaudium*. In: AMADO, Joel Portella; FERNANDES,

Francisco é instrumento desta renovação. Para o apostolado nas redes sociais e no mundo moderno, não basta apenas estar presente; é preciso ser criativo.²⁶²

Para o terceiro capítulo desta pesquisa quer-se propor uma releitura do parágrafo 24 da já referida exortação apostólica como um possível itinerário para agentes pastorais relacionados com as redes sociais, em vista do anúncio e da vivência da fé neste ambiente. Far-se-á isso através dos 5 verbos destacados no presente parágrafo da exortação: "primeirar", envolver-se, acompanhar, frutificar e festejar. Segundo Abimar Moraes, especialmente os números 20 a 24 da *Evangelii Gaudium*, dizem respeito ao agir,²⁶³ à ação missionária, que a Igreja vai assumindo em vista das respostas necessárias para um mundo em mudança e progressos.

3.6.1 "Primeirar-se"

Nesta ordem, entende-se o "primeirar-se", um neologismo de Francisco para indicar a comunidade comprometida ou o cristão consciente e que "sabe ir à frente, sabe tomar a iniciativa sem medo, ir ao encontro, procurar os afastados e chegar às encruzilhadas dos caminhos para convidar os excluídos."²⁶⁴

Inicialmente, "primeirar-se" é reconhecer a soberania e o protagonismo de Deus nas pessoas e no apostolado realizado. Nenhum agente de pastoral anuncia a si ou divulga sua imagem ou dados de si mesmo. "O apostolado do evangelizador das redes sociais deve ser totalmente focado em Deus e no anúncio de seu Evangelho."²⁶⁵ O cuidado sempre vivaz deve haver por evitar um "apostolado autorreferencial"²⁶⁶, nocivo a si e aos usuários. "Primeirar-se" é lembrar sempre que antes de tudo Ele nos amou.²⁶⁷ Assim, "a comunidade missionária experimenta que o Senhor tomou a iniciativa, precedeu-a no amor."²⁶⁸

Leonardo Agostini (orgs.). *Evangelii Gaudium em questão*: aspectos bíblicos, teológicos e pastorais. São Paulo: Paulinas; Rio de Janeiro: PUC, 2014. (Coleção fronteiras). p. 33-48. p. cit. 35.

²⁶² FARIAS, 2015, p. 6.

²⁶³ MORAES, 2014, p. 44.

²⁶⁴ FRANCISCO, 2013, p. 22; EG 24.

²⁶⁵ FARIAS, 2015, p. 38.

²⁶⁶ FARIAS, 2015, p. 38.

²⁶⁷ 1Jo 4,19.

²⁶⁸ FRANCISCO, 2013, p. 22; EG 24.

Do reconhecimento que a graça do apostolado não parte de nós e de nossos desejos individuais, num segundo momento, o cristão encoraja-se a ousar sempre mais, com “desejo inexaurível de oferecer misericórdia, fruto de ter experimentado a misericórdia infinita do Pai e a sua força difusiva.”²⁶⁹

O movimento de “primeirar-se” implica sempre um ato interno e externo, pessoal e comunitário; convida

a sair de nossas zonas de conforto, de nossa velocidade de cruzeiro, para assumir as turbulências da vida, à semelhança de Jesus Cristo. [...] A Igreja do ir implica pessoas do ir, comunidades e instituições do ir. Implica postura sempre aberta aos novos desafios, em contínua atitude de saída, êxodo, missão. Ninguém tem o direito de se fechar em si mesmo. Não podemos fechar nossas janelas para missão. Não podemos baixar nossas cortinas para as graves situações que afligem este mundo [...]. Por sua vez, este primeirar tem uma identidade bem concreta. [...] Tomar a iniciativa significa reconhecer, proclamar e colaborar para que sejam, cada vez mais, implementados os valores a que o Papa Francisco se refere na EG: justiça, solidariedade e bem comum.²⁷⁰

Transformando este princípio pastoral em uma proposta de comunicação e presença nas redes sociais, pode-se considerar como importante um primeiro passo a ser observado no apostolado digital: a veracidade das informações faz as postagens tornarem-se, de fato, boas e críveis. “Primeirar-se” é uma atitude pastoral de adiantar-se, ser original; e na originalidade, ser verdadeiro e profundo. É como emendar-se nos trilhos de um jornalista, que checa todas as informações e a faz íntegra. O agente de pastoral, na maioria das vezes mesmo não sendo um jornalista profissional, têm uma Verdade suprema a anunciar: Jesus e seu mistério de salvação.

²⁶⁹ FRANCISCO, 2013, p. 22; EG 24.

²⁷⁰ TEMPESTA, Orani João. Algumas interpelações da *Evangelii Gaudium*. In: AMADO, Joel Portella; FERNANDES, Leonardo Agostini (orgs.). **Evangelii Gaudium em questão: aspectos bíblicos, teológicos e pastorais**. São Paulo: Paulinas; Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2014. (Coleção fronteiras), p. 13-22. p. cit. 15-16. grifos do autor.

Para isso a melhor e primeira fonte das postagens num apostolado digital é a oração. Ela dá fertilidade ao conteúdo.

Numa época em que todo mundo tem algo importante para contar, sem notar que esse algo importante já foi contado algumas vezes, é preciso mostrar não só algo importante, mas também algo inédito, porque passa pela experiência pessoal.²⁷¹

Uma postagem fruto da oração revela a atitude espiritual do agente de pastoral que posta “coisas realmente relevantes a ponto de não serem perdidas no amontoado de lixo linguístico que tem se tornado a internet.”²⁷²

Uma segunda fonte importante é a Escritura, em especial os Evangelhos, onde se encontra a centralidade da comunicação de Deus em favor da humanidade. Recorrer ao Evangelho é como ser um samaritano sem preguiça de sempre ir ao poço.²⁷³ Para o agente de pastoral que atua nas redes sociais, ao tradicional quadrilátero da *Lectio Divina*, pode-se acrescentar um quinto passo: leitura, meditação, oração, contemplação e postagem.²⁷⁴

Diante do impulso missionário e do chamado à missão, o agente de pastoral deve-se perguntar: a quem se direcionam as postagens cristãs, individuais ou institucionais, em perfis nas redes sociais? Consegue-se oferecer o que tantos buscam? Que respostas oferece-se aos anseios dos usuários modernos conectado?

3.6.2 Envolver-se

Como consequência desse processo da fé, a exortação apostólica propõe o “envolver-se” como atitude do cristão ou comunidade que “entra na vida diária dos outros, encurta as distâncias, abaixa-se – se for necessário – até à humilhação e assume a vida humana, tocando a carne sofredora de Cristo no povo.”²⁷⁵ São aqueles que não tem medo de arriscar-se, de propor algo novo, que tem ousadia de atingir o coração e os medos modernos, a fim de iluminá-los com a proposta do Evangelho.

²⁷¹ FARIAS, 2015, p. 18.

²⁷² FARIAS, 2015, p. 18.

²⁷³ FARIAS, 2015, p. 17.

²⁷⁴ FARIAS, 2015, p. 18.

²⁷⁵ FRANCISCO, 2013, p. 22; EG 24.

Neste sentido, Francisco ressalta que as redes sociais são “um lugar rico de humanidade: não uma rede de fios, mas de pessoas humanas.”²⁷⁶ A Igreja, como sinal luminoso no mundo, se coloca perita em humanidade,²⁷⁷ mesmo em ambiente virtual, pois carrega consigo a universalidade da luz da fé. “É por isso mesmo que o testemunho cristão pode, graças à rede, alcançar as periferias existenciais.”²⁷⁸

Como fruto do envolvimento da Igreja no mundo digital, pode-se elencar a disposição (e o desafio) de traduzir a linguagem teológica em linguagem digital, caracteres e modelos específicos da internet. E se torna um desafio, como no Twitter, transformar uma densa reflexão de uma passagem bíblica com 50 ou mais versículos, ou uma encíclica inteira, em uma mensagem compreensível, atrativa, relevante e com 140 caracteres.²⁷⁹ A linguagem para as redes sociais precisa ser objetiva e enfática;

as pessoas que usam as redes sociais *treinam* seus olhos para achar informações relevantes de forma rápida e intuitiva. [...] As pessoas querem um chamariz, uma manchete para o texto. E isso nem sempre é fácil. As vezes exige-se criatividade, dedicação e muita sagacidade.²⁸⁰

Além de tudo, uma postagem de qualidade não pode eximir-se do uso correto da linguagem, sem frases longas, evitando caixa alta para não parecer impositivo ou agressivo, e sempre com muito cuidado e prudência, precisando, por vezes, justificar-se ou esclarecer algum mal-entendido.²⁸¹ Deste modo, revela-se também a Igreja que, como outras instituições civis, também tem a prerrogativa de errar e pedir perdão pelos erros. O ambiente digital torna-se oportunidade para que a Igreja mostre-se próxima, suscetível a erros e, também, humana.

²⁷⁶ FRANCISCO, 2014, não paginado.

²⁷⁷ CONGREGAÇÃO PAR DOCTRINA DA FÉ. **Carta aos bispos da Igreja Católica sobre a colaboração do homem e da mulher na Igreja e no mundo.** Vaticano: 2004. não paginado. Disponível em: <http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/documents/rc_con_cfaith_doc_20040731_collaborati_on_po.html>. Acesso em: 01 jun. 2019.

²⁷⁸ FRANCISCO, 2014, não paginado.

²⁷⁹ FARIAS, 2015, p. 26.

²⁸⁰ FARIAS, 2015, p. 26, grifo do autor.

²⁸¹ FARIAS, 2015, p. 23.

Que linguagem usam os perfis cristãos para atingir seus interlocutores? De onde se parte para que os usuários tenham interesse em também envolver-se em alguma publicação ou proposta? Há disposição em propor caminhos de formação e espiritualidade duradouros?

3.6.3 Acompanhar

Francisco continua e apresenta a atitude de “acompanhar”, relacionando-a com a atitude do anúncio de Jesus e da Igreja. É a atitude que “acompanha a humanidade em todos os seus processos, por mais duros e demorados que sejam. Conhece as longas esperas e a suportação apostólica. A evangelização patenteia muita paciência, e evita deter-se a considerar as limitações.”²⁸²

A Igreja, atenta às realidades próprias do atual tempo, se coloca como formadora de consciências para o ambiente digital.

A sobrecarga de informação significa que todos nós devemos nos tornar editores: filtrar, checar e avaliar o que lemos. [...] Ensinar a navegar na web com discernimento é a missão cultural mais urgente de nossa época. [...] Prover as pessoas com o conhecimento de que precisam para ser leitores inteligentes na era digital.²⁸³

O agente pastoral que se propõe a acompanhar, também deve considerar o fracasso no seu trabalho com as redes sociais, contar com a indiferença com os temas religiosos, as críticas e interpretações precipitadas e desenraizadas. Porém tal agente, maduro e consciente, nunca pode perder sua conexão primeira com a alegria que o Evangelho já produziu em sua vida interior e, por isso, é capaz de encontrar novas possibilidades de ser renovado em “atitude, estilo, esforço, [...] ardor, métodos e expressão”²⁸⁴, sabendo recomeçar e reencantar sempre.

²⁸² FRANCISCO, 2013, p. 22; EG 24.

²⁸³ D'ANCONA, 2018, p. 101-102.

²⁸⁴ CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO E DO CARIBE III, 1992, Santo Domingo. **Nova evangelização, promoção humana e cultura cristã**: conclusões. Trad. Brasília: CNBB. 7. ed. p. 14; Santo Domingo, 10. Disponível em: <http://portal.pucminas.br/imagedb/documento/DOC_DSC_NOME_ARQUI20130906182510.pdf>. Acesso em: 04 out. 2018.

Esta atitude de acompanhamento sinaliza uma presença eficaz da Igreja na vida de tantos usuários. O agente de pastoral deve, portanto, considerar-se relevante para a vida e a experiência religiosa de muitas pessoas. “Convém que o evangelizador das redes sociais poste algo regularmente. Afinal, há um público que precisa ser cativado e alimentado pela Palavra.”²⁸⁵ É salutar que haja constância nas postagens, alimentando periodicamente as páginas sob sua responsabilidade para que mantenha sua missão de anunciador diante das várias realidades e situações concretas.

Porém um alerta se faz importante: postagens regulares exigem igual qualidade de conteúdo; é fundamental optar primeiro pela coerência dos conteúdos (e destes com a doutrina da Igreja) que iludir-se pela audiência aparente de postagens vazias de sentido.²⁸⁶ Relembra-se aqui que a iniciativa é de Deus e a finalidade é sempre manifestar a companhia luminosa da fé.

3.6.4 Frutificar

A exortação apresenta o quarto verbo, “frutificar”, como atitude resultante do processo evangelizador, recordando a importância de manter-se atentos aos frutos. O cristão é aquele que “encontra o modo para fazer com que a Palavra se encarne numa situação concreta e dê frutos de vida nova, apesar de serem aparentemente imperfeitos ou defeituosos.”²⁸⁷ Diante do anúncio querigmático, sempre se espera fecundidade, quando feito com espiritualidade missionária. Um sorriso, uma lágrima, um testemunho, um gesto, são frutos da missão e incentivo à sua continuidade.

Os frutos precisam, quando gerados, ser conhecidos, compartilhados, apresentados, lidos à luz da proposta de Evangelho. Os bons exemplos devem ganhar audiência, estar entre os *top trends*.²⁸⁸

²⁸⁵ FARIAS, 2015, p. 24.

²⁸⁶ FARIAS, 2015, p. 24.

²⁸⁷ FRANCISCO, 2013, p. 23; EG 24.

²⁸⁸ “A expressão “*trending topic*” pode ser traduzida como “assunto do momento”, “assunto mais comentado”, “assunto que está bombando”, “assunto mais popular”, “algo que um grande número de pessoas está sabendo e falando a respeito.” Tal expressão abrevia-se *top trend*; e é amplamente utilizada no *Twitter*. MENDONÇA, Donay. **Significado de “Trending topic”**. [s.l.], [s.n.], 2016. não paginado. Disponível em: <<https://www.englishexperts.com.br/forum/significado-de-trending-topic-t55066.html>>.

Acesso em: 04 out. 2018.

Conscientes do Evangelho, não se pode dar audiência à derrota e ao mal. É preciso frutificar em Cristo. E a cada fruto, festejar.

A atitude pastoral de frutificar encontra relevância num importante passo para as postagens de qualidade: a incidência na vida concreta. Os temas e conteúdos apresentados nas postagens precisam atingir o coração e a vida os usuários que estão conectados em sua rede. O usuário precisa ser interpelado a redescobrir Deus como próximo, como íntimo.²⁸⁹ É importante que o agente de pastoral não escolha temas alheios, superficiais ou secundários, mas fale a partir de sua própria intimidade com o Senhor. É importante regar as postagens com a experiência pessoal.²⁹⁰

Não se pode, deste modo, postar sobre qualquer coisa. É preciso atentar e cuidar com o “encanto enganador. Nós nos apaixonamos tanto pela ideia da evidência, da fama e da visibilidade pública que nos achamos bons o bastante para opinar aqui e acolá.”²⁹¹ É de suma importância para o agente pastoral “assumir a postura de alguém que sabe o que quer fazer nas redes sociais,”²⁹² com objetivos claros, convicto e seguro de sua fé.

3.6.5 Festejar

A festa faz parte da experiência cristã. Este é o quinto verbo importante. O agente de pastoral consciente é alguém que “celebra e festeja cada pequena vitória, cada passo em frente na evangelização.”²⁹³ Assim se cumpre a promoção da alegria do Evangelho no mundo atual, instável e fragmentado, em vista de sua redenção, levando em conta suas alegrias e progressos.

Esta atitude pastoral faz pensar no objetivo e meta de toda ação pastoral nas redes sociais: conduzir ao encontro; concretizar “presencialmente” as relações “virtuais”. Festa requer encontro com pessoas, ou ainda, com um grupo de pessoas. Supõe celebração, espírito comum. Nos seus discursos e escritos, Francisco propõe mais que um encontro entre algumas pessoas ou grupos por alguns momentos específicos; ele propõe uma “cultura do encontro”, que perpassa a vida da Igreja e se estende à vida secular.

²⁸⁹ FARIAS, 2015, p. 17.

²⁹⁰ FARIAS, 2015, p. 17.

²⁹¹ FARIAS, 2015, p. 25.

²⁹² FARIAS, 2015, p. 25.

²⁹³ FRANCISCO, 2013, p. 23; EG 24.

A cultura do encontro, segundo o papa Francisco, é uma forma de criar vínculos de comunhão. Afinal, às vezes, para nós, comunhão é, na verdade, um termo até mais abstrato que o virtual. Penso que o papa quer evidenciar que o encontro é como um sacramento de comunhão entre as pessoas, ou seja, o acontecimento visível de algo invisível.²⁹⁴

Diante disso se colocam algumas questões: que impacto se causa através das páginas alimentadas nas redes sociais? Que retorno acontece? De que modo se tem marcado a vida dos usuários que se conectam nas páginas das instituições eclesiais? Cria-se um espírito de ação de graças e comunhão a partir do apostolado digital?

3.7 REDES QUE CONECTAM VIDAS

De fato, “a relevância pastoral das nossas atividades, a autenticidade das nossas liturgias e o anúncio da Palavra de Deus devem ser avaliados a partir desse *encontro com o rosto do outro*,”²⁹⁵ do encontro com o rosto conectado e, por vezes, desfigurado pelas armadilhas e aparências da efemeridade do mundo e das relações.

A EG censura severamente uns que *quiseram um Cristo puramente espiritual, sem carne nem cruz* (88) e outros que estabelecem *relações interpessoais mediadas apenas por sofisticados aparatos, por monitores e sistemas que se podem acender e apagar à vontade* (*ibid.*). Procuram um Jesus desencarnado, sem carne e sem compromisso.²⁹⁶

Deste modo, o Evangelho nas redes sociais sempre deve conduzir à plenitude do encontro, à face do outro; deve sempre enlaçar-se com a alteridade.

Não basta circular pelas *estradas* digitais, isto é, simplesmente estar conectados: é necessário que a

²⁹⁴ FARIAS, 2015, p. 32.

²⁹⁵ SEUSS, 2015, p. 107, grifo do autor.

²⁹⁶ SEUSS, 2015, p. 108, grifos do autor.

conexão seja acompanhada pelo encontro verdadeiro. Não podemos viver sozinhos, fechados em nós mesmos. Precisamos amar e ser amados. Precisamos de ternura.²⁹⁷

O encontro pressupõe alguém que se encontra; requer um outro. Nesse espírito pode-se afirmar: a primazia do trabalho pastoral, especialmente nas redes sociais, é do encontro; e a primazia do encontro são as pessoas.

As pessoas que estão na nossa frente sempre devem ter a primazia em tudo, especialmente para quem pretende evangelizar pelas redes sociais. O verdadeiro evangelizador das redes sociais tem algo a dizer nesses meios justamente porque fora dali é capaz de praticar a cultura do encontro, ouvindo as pessoas, ajudando quem precisa, colocando-se no lugar dos outros. Essa é a grande diferença entre aqueles que vivem sentados o dia inteiro de frente para o computador, trancados num quarto, sem olhar para a cara de ninguém, e aqueles que são cristãos de cara e coragem – que vão às periferias existenciais de que fala o papa.²⁹⁸

O Evangelho, ao propiciar seus encontros com vida virtual e concreta, interliga seus vários momentos. A ação pastoral da Igreja também toca as várias dimensões e cria comunhão entre elas. A ação no ambiente digital não é fim em si mesma, mas deve ser caminho para a comunhão e o encontro presencial. “Não se pode separar a prática *on-line* da *off-line*, não existe mais esse dualismo digital.”²⁹⁹ Na visão atual “existe uma só vida, assim como o ser humano e o cristão é sempre o mesmo.”³⁰⁰ Neste campo a ação pastoral da Igreja encontra seu respaldo ético.

Formar os cristãos para a responsabilidade e a ética conduz a um compromisso de vida, uma práxis, que inspira e atrai indivíduos sedentos de sentido para a vida. O modo de vida que o ser

²⁹⁷ FRANCISCO, 2014, não paginado, grifo do autor.

²⁹⁸ FARIAS, 2015, p. 33.

²⁹⁹ ZANON, 2018, p. 42, grifos do autor.

³⁰⁰ ZANON, 2018, p. 42.

humano tem *virtualmente* se reflete na realidade, e os exemplos de ação e compromisso que ele presenciar *on-line* se refletirão *off-line*.³⁰¹

O agente pastoral se torna um farol luminoso na realidade virtual e conduz seus usuários a seguir os trilhos do Concílio, lançando o olhar da fé nas várias realidades da vida humana.

A internet deve auxiliar na concretização da missão cristã, que é ir ao encontro do outro, do próximo, testemunhando esse *éthos* com sinceridade e compromisso. Com as potencialidades que a rede proporciona, o cristão não pode ficar indiferente, ou usar a tecnologia como qualquer outra pessoa. Tem de dar testemunho. Tem que usá-la responsabilmente, manifestando aí também a sua ética, as suas opções de vida. No fundo confirma que a pessoa não pode agir *on-line* de maneira diferente da que age *off-line*.³⁰²

A missão do apostolado cristão nas redes sociais é, depois de atrair e chamar para o caminho de comunhão, fazer surgir no usuário o desejo de permanência, de compromisso com a Igreja e de missão no mundo concreto, fazendo-o descobrir que todos “os cristãos são chamados a viver na sociedade em rede de modo pleno, integral, sem compartimentações ou fragmentação.”³⁰³

A Igreja, através da ação concreta dos seus ministros e leigos conectados, tem a missão

de propor a fé no hoje para a construção do amanhã, e de ser, mediante a renovação da vida cristã (e de suas expressões institucionais), fermento para a renovação da humanidade. Evangelizar hoje é, portanto, apresentar a resposta cristã a uma nova situação.³⁰⁴

³⁰¹ ZANON, 2018, p. 51, grifos do autor.

³⁰² ZANON, 2018, p. 54, grifos do autor.

³⁰³ ZANON, 2018, p. 56.

³⁰⁴ MORAES, 2014, p. 44-45.

Nesse sentido, Francisco fala de uma “necessidade generosa e quase impaciente de renovação.”³⁰⁵ Se percebe que, nos trilhos da renovação do Concílio Vaticano II, a Igreja “assumiu a *Ecclesia semper reformanda*, expressão do Cardeal Newman.”³⁰⁶

O Evangelho, fonte de transformação do mundo, é capaz de tornar presente o virtual; o cristão é, portanto, luz e instrumento de salvação no ambiente virtual.

É o *cantar* e o *encantar* de uma Igreja que *primeireia*, como ele mesmo diz na *Evangelii Gaudium* (EG 24), que sai na frente, que arrisca e que se torna ousada, não tendo medo do que terá pelo caminho, pois segue na confiança, na esperança e na Alegria do primeiro que percorreu e nos abriu o caminho, Jesus Cristo.³⁰⁷

Cumpra-se, nessa forma, o desejo de que os leigos, agentes do ambiente digital, descubram seu protagonismo e a beleza de sua missão na Igreja, para o mundo.

3.8 AS REDES, O ENTALHADOR E AS PONTES

Do modelo secular das redes, exemplificada pelas redes sociais, que por diversos motivos, corre o risco de fragmentar a realidade e individualizar seus partícipes, a Igreja encontra espaço para integrar-se e conectar-se com os novos modelos de relações. Spadaro enxerga nessa oportunidade uma missão difícil e nobre, comparando com a imagem “do entalhador de sicômoros, emprestada do profeta Amós (7,14) e interpretada por São Basílio.”³⁰⁸

³⁰⁵ FRANCISCO, 2013, p. 24; EG 26.

³⁰⁶ GUEDES, José Otácio Oliveira. A novidade do Cristianismo na *Evangelii Gaudium*. In: AMADO, Joel Portella; FERNANDES, Leonardo Agostini (orgs.). *Evangelii Gaudium em questão: aspectos bíblicos, teológicos e pastorais*. São Paulo: Paulinas; Rio de Janeiro: PUC, 2014. (Coleção fronteiras). p. 163-172. p. cit. 171. grifo do autor.

³⁰⁷ KUZMA, Cesar. Cantar com Francisco! Provoações eclesiológicas a partir da *Evangelii Gaudium*. In: AMADO, Joel Portella; FERNANDES, Leonardo Agostini (orgs.). *Evangelii Gaudium em questão: aspectos bíblicos, teológicos e pastorais*. São Paulo: Paulinas; Rio de Janeiro: PUC, 2014. (Coleção fronteiras). p. 195-208. p. cit. 196. grifos do autor.

³⁰⁸ SPADARO, 2012, p. 42.

Joseph Ratzinger, fazendo alusão a esta interpretação, disse certa vez que

o cristianismo é como um talho num figo. O sicômoro é uma árvore que produz muitos frutos que ficam sem sabor, insípidos, se não lhes é feita uma incisão para sair o suco. Os frutos, os figos, representam para Basílio a cultura do seu tempo. O Logos cristão é um talho que permite a maturação da cultura. E o corte requer sabedoria porque deve ser benfeito e no momento certo. A cultura digital é rica de frutas a serem entalhadas e o cristão é chamado a executar uma obra de mediação entre o Logos e a cultura digital. A tarefa não é isenta de dificuldades, mas surge hoje mais do que urgente. Em especial é necessário começar a pensar a rede teologicamente, mas também a teologia na lógica da rede.³⁰⁹

Francisco, de modo magistral e atual, faz alusão a esta comunicação e interação da Igreja com as realidades contemporâneas como a capacidade de “construir pontes de compreensão e de diálogo, para fazer do mundo inteiro uma família de povos reconciliados entre eles, fraternos e solidários.”³¹⁰ Apenas desta forma, segundo Francisco, a Igreja será sinal para o mundo.

A Igreja em tempos de redes sociais é chamada para uma tarefa deste tipo, assumindo as formas adequadas e se considerando também (e, pois, certamente não só) como lugar de conexão significativa das pessoas, capaz de proporcionar a base para a construção de relações de comunhão numa sociedade fragmentada.³¹¹

Que será da Igreja se estiver alheia aos sinais dos nossos tempos? Como poderia anunciar o Evangelho se seus agentes forem indiferentes?

³⁰⁹ SPADARO, 2012, p. 42.

³¹⁰ FRANCISCO. **Ângelus**. Vaticano, 09 nov. 2014. não paginado. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/angelus/2014/documents/papa-francesco_angelus_20141109.html>. Acesso em: 03 jun. 2019.

³¹¹ SPADARO, 2012, p. 80-81.

Faz-se necessário, especialmente aos agentes de pastoral, bem como a todo cristão

transmitir a mensagem do Evangelho com fidelidade à Igreja, com criatividade, com simplicidade, com alegria e o mais importante de tudo: profundidade. Sim, parece uma tarefa difícil, especialmente quando se busca transmitir um conhecimento bimilenar em 140 caracteres. Porém, a bem da verdade, não estamos falando de uma simples transmissão de conhecimentos, estamos falando de uma mensagem de amor. E para se falar de amor, não é preciso dizer muito: é preciso dizer com o coração.³¹²

Num mundo sedento de Deus e com grandes lacunas que se apresentam como oportunidades, os agentes de pastoral são os pés, as mãos e o coração pulsante da Igreja, Corpo de Cristo, em vista da santificação deste mesmo mundo, rumo à glorificação e à conexão completa em Deus. No ambiente das redes sociais, lugares oportunos à fé, se revela, converge e realiza o grande mistério da interatividade trinitária.

³¹² FARIAS, 2015, p. 70.

CONCLUSÃO

As redes sociais se apresentam hoje como parte significativa e constitutiva da vida moderna. A concepção de mundo, de pessoa e de fé cristã passa, inexoravelmente, pelos conceitos de interatividade, conectividade, rede e comunhão. A modernidade, com seus desafios e limitações, se coloca como uma oportunidade, para as pessoas, de construir laços de relações mais abrangentes, integrativas e abertas. Desse modo, a fé cristã, como semente fecunda em todos os momentos da história do mundo, especialmente os mais críticos, deve encontrar seu lugar e relevância na vida hodierna, para ajudar os homens e mulheres do nosso tempo a responderem, com coerência e profundidade, às suas questões existenciais, indicar caminhos seguros diante de seus anseios e dúvidas e os acompanhar a uma rica experiência com Deus nas sendas da fé.

Diante das relações frias e transitórias, como caracteriza Bauman as deste tempo atual, e das construções subjetivas de verdade, justiça e fraternidade, como indica D'Ancona, a Igreja, de modo especial através da formação madura e profunda de seus agentes, busca elementos comuns na vida secular para ajudar a construir bases sólidas para uma convivência fraterna, integradora e de comunhão. O usuário conectado anseia por respostas; busca insaciavelmente por permanência e eternidade. A fé encontra neste anseio a oportunidade que precisa para anunciar, sobre os telhados, via cabos, via satélite, *Wi-fi* ou até 5G, sua mensagem de Verdade e esperança. A lógica da rede é a oportunidade mais propícia atualmente para que a verdade do Evangelho encontre os corações dos usuários.

Spadaro insiste de modo veemente que as situações do mundo moderno têm carência da presença efetiva da Igreja, e exorta para que o ambiente digital seja habitado pelos cristãos. Assim, as redes sociais não podem ser encaradas como simples meio de transmissão de informação, mas deve ser um ambiente promissor para o fomento da “cultura do encontro” e lugar especial da “nova evangelização” do mundo moderno. Os conceitos teológicos de “comunhão” e “participação” encontram convergência nos conceitos digitais de “rede” e “interatividade”. A vida secular toca a vida espiritual; os usuários cristãos das redes sociais tornam-se agentes protagonistas de sua fé. A verdade teológica da encarnação encontra espaço no ambiente das redes sociais. O mundo e a teologia se encontram; e nesse encontro produz verdadeiros encontros e experiências de fé.

A exortação apostólica de Francisco *Evangelii Gaudium*, que insiste tanto na inculturação da fé cristã nas realidades atuais, censura os que a imaginam demasiadamente espiritual, e conclama os fiéis a encontrarem Cristo no mundo, nas coisas e nas pessoas, para que se construa um caminho autêntico de experiência com Deus. Desse modo, indica também, aos usuários conectados, um caminho profícuo de fé, iluminando o ambiente digital pela presença redentora e viva de Jesus Ressuscitado. O cristão, em todos os ambientes, é convidado a ser sinal eficaz de Deus; um sacramento de salvação.

Através da pesquisa realizada e das reflexões dos autores apresentados, o tema não se esgota, mas abre novas perspectivas para que a teologia alcance as “periferias existenciais”, de modo muito concreto, as realidades do ambiente digital. A pesquisa, também com suas lacunas, demonstra quanto ainda os agentes de pastoral têm a crescer no tocante à evangelização nas mídias sociais. A Igreja, enquanto instituição, também se coloca no caminho de crescimento, ao enxergar o ambiente digital ainda como meio de informação e prestação de serviço, precisando aprofundar sua relação com as mídias, exercendo mais especificamente a atitude da interatividade e participação dos usuários nos seus organismos e decisões. As redes sociais se apresentam hoje como uma realidade autônoma, profundamente interativa, não se encaixando como apenas meios de comunicação, mas como ambientes de participação. As páginas digitais oficiais mantidas pela Igreja podem abrir-se muito mais para a lógica da interação com seus usuários.

A presente pesquisa se coloca como um trabalho que visa abrir novas perspectivas na temática da relação da Igreja, seus agentes e as redes sociais. Buscou-se encontrar pontos de interação da fé com o ambiente digital, a fim de fomentar a reflexão e a prática pastoral da Igreja frente aos avanços do mundo moderno, especialmente da dimensão digital e com os clamores de Francisco por uma “Igreja em saída”, que busca sempre encontrar o ser humano, especialmente enquanto cristãos e usuários, e conduzi-los à realização integral, à santidade.

REFERÊNCIAS

ALETEIA BRASIL. **Conhecendo a nossa Igreja**: as 4 Constituições Apostólicas do Concílio Vaticano II. Aleteia, [s.l.]. 2015. Disponível em: <<https://pt.aleteia.org/2015/09/11/conhecendo-a-nossa-igreja-as-4-constituicoes-apostolicas-do-concilio-vaticano-ii/>>. Acesso em: 05 jun. 2019.

AMADO, Joel Portella. **A Igreja num mundo em mudança**. Goiânia: CNBB, 2011. Disponível em: <http://cnbbjoomla.sitesparresia.com/wp-content/uploads/sites/85/2011/10/A_Igreja_num_mundo_em_mundana_-_Pe._Joel_Portella.pdf>. Acesso em: 30 set. 2018.

BAUMAN, Zygmunt. **44 cartas do mundo líquido moderno**. Trad. Vera Pereira. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

_____. **Modernidade líquida**. Trad. Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

_____; MAURO, Ezio. **Babel**: entre a incerteza e a esperança. Trad. Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Zahar, 2016.

BENTO XVI. **Mensagem para o 46º dia mundial das comunicações sociais**. Vaticano, 20 maio 2012. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/messages/communications/documents/hf_ben-xvi_mes_20120124_46th-world-communications-day.html>. Acesso em: 23 jan. 2019.

_____. **Mensagem para o XLVII Dia Mundial das Comunicações Sociais**. Vaticano, 12 maio 2013. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/messages/communications/documents/hf_ben-xvi_mes_20130124_47th-world-communications-day.html>. Acesso em: 14 abr. 2019.

BÍBLIA de Jerusalém. 10. ed. São Paulo: Paulus, 2015.

BINGEMER, Maria Clara. **A cultura do encontro**. [s.l.]: Domtotal, 2017. Disponível em: <<https://domtotal.com/artigo/6709/30/05/a-cultura-do-encontro/>>. Acesso em: 31 mai. 2019.

CANTALAMESSA, Raniero. **O mistério de Pentecostes**: todos ficaram cheios do Espírito Santo. Trad. Ivo Montanhese. Aparecida: Santuário, 1998.

CASTELS, Manuel. **Redes de indignação e esperança**: movimentos sociais na era da internet. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

CASTRO, Julio C. L. de. **Pós-verdade e o papel do jornalismo**: neoliberalismo, Brexit/Trump e redes sociais. São Paulo: ECA/USP, 2017. Disponível em: <<http://sbpjour.org.br/congresso/index.php/sbpjour/sbpjour2017/paper/viewFile/687/508>>. Acesso em: 17 out. 2018.

CONCEITO. Conceito de agora. [s.l.], [s.d.]. Disponível em: <<https://conceito.de/agora>>. Acesso em: 13 mai. 2019.

CONCÍLIO VATICANO II, 1962-1965, Vaticano. Constituição Dogmática *Gaudium et Spes*. In: VIER, Frederico (Coord.). **Compêndio do Vaticano II**: constituições, decretos, declarações. 29. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

_____, Vaticano. Constituição Dogmática *Lumen Gentium*. In: VIER, Frederico (Coord.). **Compêndio do Vaticano II**: constituições, decretos, declarações. 29. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO E DO CARIBE III, 1992, Santo Domingo. **Nova evangelização, promoção humana e cultura cristã**: conclusões. Trad. Brasília: CNBB. 7. ed. Disponível em: <http://portal.pucminas.br/imagedb/documento/DOC_DSC_NOME_ARQUI20130906182510.pdf>. Acesso em: 04 out. 2018.

CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO E DO CARIBE V, 2007, Aparecida. **Documento de Aparecida**: texto conclusivo. 7. ed. Brasília: CNBB, 2008.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. **A comunicação na vida e missão da Igreja no Brasil**: estudos da CNBB 101. São Paulo: Paulus, 2011.

_____. **Comunidade de comunidades**: uma nova paróquia. Brasília: CNBB, 2014. (Documento 100).

_____. **Cristãos leigos e leigas na Igreja e na sociedade**. São Paulo: Paulinas, 2016. (Documento 105).

CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ. **Carta aos bispos da Igreja Católica sobre a colaboração do homem e da mulher na Igreja e no mundo**. Vaticano: 2004. Disponível em: <http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/documents/rc_con_cfaith_doc_20040731_collaboration_po.html>. Acesso em: 01 jun. 2019.

CUSTÓDIO, Mônica. **Conheça as 10 redes sociais mais usadas no Brasil**. [s.l.], [s.n.]. Disponível em: <<https://resultadosdigitais.com.br/blog/redes-sociais-mais-usadas-no-brasil/>> Acesso em: 13 mai. 2019.

D'ANCONA, Matthew. **Pós-Verdade**: a nova guerra contra os fatos em tempos de *fake news*. Trad. Carlos Szlak. Barueri: Faro Editorial, 2018.

DIEHL, Fernando. Três teorias sociológicas para a compreensão da discriminação contra minorias sociais na interação cotidiana. **Contraponto**: SEER UFRGS, Porto Alegre, v.1, n.3, out./nov. p. 124-148. 2015. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/index.php/contraponto/article/download/59939/35485>>. Acesso em: 20 fev. 2019.

DUNKER, Christian. Subjetividade em tempos de pós-verdade. In: DUNKER, Christian. et al. **Ética e pós-verdade**. Porto Alegre: Dublinense, 2017.

ENGLISH OXFORD LIVING DICTIONARIESa. **Word of the Year**. [s.l]: [s.n.]. Disponível em: <<https://en.oxforddictionaries.com/word-of-the-year>>. Acesso em: 30 set. 2018.

_____, **Word of the Year 2016 is**. [s.l], [s.n.]. Disponível em: <<https://en.oxforddictionaries.com/word-of-the-year/word-of-the-year-2016>>. Acesso em: 30 set. 2018.

FABRIS, Adriano. **Diocesi e web**: presenza istituzionale ed etica della partecipazione. Roma: [s.n.], 2009. (*Chiesa in Rete* 2.0, Roma 19-20 gennaio 2009). Disponível em: <http://www.progettoculturale.it/cci_new_v3/allegati/5387/ChiesainReteFabris.pdf>. Acesso em: 23 mai. 2019.

FARIAS, Vinícius. **Conectados para o encontro: 10 passos para evangelizar nas redes sociais**. São Paulo: Paulus, 2015.

FAXINA, Elson; GOMES, Pedro Gilberto. **Midiatização: um novo modo de ser e viver em sociedade**. São Paulo: Paulinas, 2016.

FRANCISCO. **Ângelus**. Vaticano, 09 nov. 2014. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/angelus/2014/documents/papa-francesco_angelus_20141109.html>. Acesso em: 03 jun. 2019.

_____. **Bula de proclamação do Jubileu extraordinário da Misericórdia *Misericordiae Vultus***. São Paulo: Paulinas, 2015.

_____. **Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium***. São Paulo: Paulinas, 2013.

_____. **Mensagem para o LIII Dia Mundial das Comunicações Sociais**. Vaticano, 2 jun. 2019. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/messages/communications/documents/papa-francesco_20190124_messaggio-comunicazioni-sociali.html>. Acesso em: 23 abr. 2019.

_____. **Mensagem para o XLVIII Dia Mundial das Comunicações Sociais**. Vaticano, 1 jun. 2014. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/messages/communications/documents/papa-francesco_20140124_messaggio-comunicazioni-sociali.html>. Acesso em: 13 mai. 2019.

_____. a. **Mensagem para o 52º dia mundial das comunicações sociais**. Vaticano, 13 maio 2018. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/messages/communications/documents/papa-francesco_20180124_messaggio-comunicazioni-sociali.html>. Acesso em: 15 mar. 2019.

_____. b. **Homilia para a celebração do Domingo de Ramos e da Paixão do Senhor**. Vaticano, 25 março 2018. Disponível em: <https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2018/documents/papa-francesco_20180325_omelia-palme.html>. Acesso em: 15 mar. 2019.

GALVÃO, Francisco. **O cultivo espiritual em tempos de conectividade**. São Paulo: Paulus, 2018.

GUEDES, José Otácio Oliveira. A novidade do Cristianismo na Evangelii Gaudium. In: AMADO, Joel Portella; FERNANDES, Leonardo Agostini (orgs.). **Evangelii Gaudium em questão**: aspectos bíblicos, teológicos e pastorais. São Paulo: Paulinas; Rio de Janeiro: PUC, 2014. (Coleção fronteiras).

JÚNIOR, Nilson da Silva. Igreja líquida: uma leitura da Igreja moderna através do Neopentecostalismo. **Ciberteologia**: revista de teologia e cultura, São Paulo, ano 7, n. 34, abr./mai./jun. p. 61-77. 2011. Disponível em: <<https://pt.scribd.com/document/316457049/Igreja-liquida-uma-leitura-da-Igreja-moderna-atraves-do-Neopentecostalismo>>. Acesso em: 27 set. 2018.

KUZMA, Cesar. Cantar com Francisco! Provoações eclesiológicas a partir da Evangelii Gaudium. In: AMADO, Joel Portella; FERNANDES, Leonardo Agostini (orgs.). **Evangelii Gaudium em questão**: aspectos bíblicos, teológicos e pastorais. São Paulo: Paulinas; Rio de Janeiro: PUC, 2014. (Coleção fronteiras).

LIMA, Erick. Individualidade é um conceito recíproco e comunitário: Fichte e as diretrizes de uma filosofia social segundo a Wissenschaftslehre. **Educação e filosofia**, Uberlândia: EDUFU, v. 30, n. 59, jan-jun 2016. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/EducaoFilosofia/article/view/29631>>. Acesso em: 11 dez. 2018.

MENDONÇA, Donay. **Significado de Trending topic**. [s.l.], 2016. Disponível em: <<https://www.englishexperts.com.br/forum/significado-de-trending-topic-t55066.html>>. Acesso em: 04 out. 2018.

MORAES, Abimar Oliveira de. O anúncio do Evangelho na atualidade: uma introdução à Evangelii Gaudium. In: AMADO, Joel Portella; FERNANDES, Leonardo Agostini (orgs.). **Evangelii Gaudium em questão**: aspectos bíblicos, teológicos e pastorais. São Paulo: Paulinas; Rio de Janeiro: PUC, 2014. (Coleção fronteiras).

NIETZSCHE, F. W. **Fragmentos Póstumos**: 1885 – 1887. Trad. Marco A. Casanova. 1 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013.

OLIVEIRA, Adelino Francisco de. Juventude e novos contextos culturais. In: PESSINI, Leo; ZACHARIAS, Ronaldo (Org.). **Ética teológica e juventudes**: interpelações recíprocas. Aparecida: Santuário, 2013.

OLIVEIRA, Dennis de. **Entrevista**: Zygmunt Bauman. Disponível em: <<https://revistacult.uol.com.br/home/entrevis-zygmunt-bauman/>>. Acesso em: 23 nov. 2018.

O'REILLY, Tim. **What Is Web 2.0**: Design Patterns and Business Models for the Next Generation of Software. 2005. Disponível em: <<https://www.oreilly.com/pub/a/web2/archive/what-is-web-20.html>>. Acesso em: 04 out. 2018.

PALLARES-BURKE, Maria Lúcia Garcia. Entrevista com Zygmunt Bauman. **Revista Tempo Social**: revista de sociologia da USP, São Paulo, v. 16, n. 1, jun. não paginado. 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-20702004000100015&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt> . Acesso em: 27 set. 2018.

PINHEIRO, Felipe. **Ciberteologia**: a comunicação da Igreja no Séc. XXI. Fonte editorial: São Paulo, 2015.

RICCIERI, Pina. **Formação ao alcance de um clique**: comunicação digital: desafios e oportunidades. São Paulo: Paulinas, 2012.

RITUAL DA INICIAÇÃO CRISTÃ DE ADULTOS. Tradução portuguesa para o Brasil. São Paulo: Paulus, 2001.

SANTAELLA, Lucia. **Culturas e artes do pós-humano**: da cultura das mídias à cibercultura. São Paulo: Paulus, 2003.

_____. **Navegar no ciberespaço**: o perfil cognitivo do leitor imersivo. São Paulo, Paulus: 2004.

_____; LEMOS, Renata. **Redes Sociais Digitais**: a cognição conetiva do Twitter. São Paulo: Paulus, 2010.

SECRETARIADO NACIONAL DA PASTORAL DA CULTURA. **Concílio Vaticano II**: origem e documentos. Portugal: SNPC.

Disponível em: <https://www.snpcultura.org/concilio_vaticano_ii_origem_e_documentos.html>. Acesso em: 01 jun. 2019.

SIGNIFICADO de Know-how. [s.l.], [s.d.]. Disponível em: <<https://www.significados.com.br/know-how/>>. Acesso em: 30 set. 2018.

SPADARO, Antonio. **Ciberteologia**: pensar o cristianismo nos tempos da rede. Trad. Cacilda R. Ferrante. São Paulo: Paulinas, 2012. (Coleção conectividade).

_____, Antonio. **Web 2.0**: redes sociais. São Paulo: Paulinas, 2013.

SUESS, Paulo. **Dicionário da *Evangelii Gaudium***: 50 palavras-chave para uma leitura pastoral da exortação apostólica *Evangelii Gaudium* – a alegria do Evangelho -, do Papa Francisco, sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual. São Paulo: Paulus, 2015. (Coleção comunidade e missão).

TEMPESTA, Orani João. Algumas interpelações da *Evangelii Gaudium*. In: AMADO, Joel Portella; FERNANDES, Leonardo Agostini (orgs.). ***Evangelii Gaudium em questão***: aspectos bíblicos, teológicos e pastorais. São Paulo: Paulinas; Rio de Janeiro: PUC, 2014. (Coleção fronteiras).

TIBURI, Marcia. Pós-verdade, pós-ética: uma reflexão sobre delírios, atos digitais e inveja. In: DUNKER, Christian. et al. **Ética e pós-verdade**. Porto Alegre: Dublinense, 2017.

ZANON, Darlei. **Igreja e sociedade em rede**: impactos para uma ciberteologia. São Paulo: Paulus, 2018. (Coleção Ciências Sociais).

APÊNDICE – Questionário da pesquisa de campo

Informações retiradas do Projeto de Pesquisa.

A futura pesquisa, cujo projeto presente elucida, se constituirá de cunho bibliográfico com pesquisa de campo, a fim de que os dados coletados, analisados e relacionados encontrem respaldo na vida pastoral dos agentes em questão, já que a temática geral toca os campos da Teologia Pastoral e Pastoral da Comunicação e destina-se como um itinerário para o cristão leigo que utiliza pessoalmente, a trabalho ou pastoralmente as redes sociais.

Os dados bibliográficos serão coletados a partir dos autores selecionados e de suas bibliografias disponíveis na biblioteca institucional e, eventualmente, aquisições próprias e biblioteca pessoal. Para o primeiro e segundo capítulo serão coletados seletivamente os dados das temáticas referidas e analisadas em suas convergências e divergências com o objetivo geral e específicos de cada capítulo. Quanto ao terceiro capítulo pretende-se, a partir do objetivo específico, uma análise reflexiva e crítica de onde surgirá, como elemento importante e agregativo, a pesquisa de campo. Ela seguirá o modelo de questionário descritivo com objetivo de coletar informações e analisá-las de acordo com a proposta do terceiro capítulo, ao qual estará mais intimamente ligada. O questionário está disposto no apêndice deste projeto. Ele será aplicado de modo misto: pessoalmente e, em maior parte, indiretamente via correio eletrônico, tendo em vista a ampla abrangência territorial, compreendendo agentes da Pastoral da Comunicação das Dioceses de Joinville e Rio do Sul. [...]

Justificativa da pesquisa

Pesquisa de campo para analisar a profundidade, coerência e fidelidade às fontes seguras nas postagens e fundamentação bíblica dos conteúdos de páginas católicas dos perfis corporativos de paróquias e movimentos religiosos e o alcance do objetivo da postagem em comentários construtivos e aprofundados acerca dos temas centrais da fé.

Público alvo

Questionário descritivo para agentes da PASCOM, responsáveis pela manutenção de páginas nas redes sociais de paróquias,

comunidades e movimentos e qualquer tipo de instituição católica das Dioceses de Rio do Sul e Joinville;

Metodologia

Análise e média das respostas, visando objetivamente identificar: principais fontes usadas, qualidade visual e de conteúdo das postagens e fundamentação bíblica. Num segundo momento visa-se a conferência das respostas com os perfis in loco.

Questionário

1. Nome do agente pastoral:
2. Comunidade/Movimento, paróquia, diocese a qual pertence:
3. Quanto tempo trabalha com a PASCOM?
4. Página que administra/mantém:
5. Qual plataforma digital [rede social] mais utiliza?
6. Qual sua capacitação no respectivo trabalho com a PASCOM? Curso, Escola de Comunicação, Graduação, Formações pastorais que participou, etc.
7. Em qual área da pastoral da Igreja a página mais publica? Evangelho do dia, fotos de celebrações, reflexões diárias, temas doutrinas, santo do dia ou outros.
8. Que recursos utilizam e se preocupam para criar as postagens e manter a página, além dos temas religiosos? Marketing, editor de fotos ou vídeos, Photoshop, Impulsionador de publicação, etc.
9. Qual as fontes utilizadas para as informações [especialmente as religiosas] escritas e publicadas ou compartilhadas? Site do Vaticano, CNBB, algum movimento, alguma figura pública, etc.
10. Qual o alcance da página? Que categoria de pessoas mais interage com a página?

11. Qual a repercussão e o objetivo de divulgação da página? Esta recebe algum retorno, comentário, crítica ou algum outro tipo de feedback?

12. A página costuma fazer publicações autorais ou compartilha conteúdos de outras páginas? Quais?

Fonte: produzido pelo autor desta pesquisa conjuntamente ao orientador.